



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO
SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO

“NUMA SALA DE REBOCO”: A
REPRESENTAÇÃO DE SERTÃO NAS
MÚSICAS DE JOSÉ MARCOLINO

MARIA RAQUEL BATISTA DA SILVA

Sumé – PB

2013

MARIA RAQUEL BATISTA DA SILVA

**“NUMA SALA DE REBOCO”: A REPRESENTAÇÃO DE SERTÃO NAS
MÚSICAS DE JOSÉ MARCOLINO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, na área de ciências humanas e sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé- CDSA, sob a orientação do Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires.

**SUMÉ-PB
2013**

S586n Silva, Maria Raquel Batista da.
“Numa sala de reboco”: a representação de sertão nas músicas de José Marcolino. / Maria Raquel Batista da Silva. - Sumé - PB: [s.n], 2013.

67 f; il.

Orientador: Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires.
Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Música. 2. Sertão. 3. Zé Marcolino. 4. Representação. I. Título.

UFCG/BS

CDU: 37:78(043.3)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

MARIA RAQUEL BATISTA DA SILVA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, na área de ciências humanas e sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé- CDSA, sob a orientação do Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires.

Data de aprovação 20/09/2013

BANCA EXAMINADORA



Nota (10,0)
Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires (Orientador- CDSA-UFCG)



Nota (10,00)
Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos (CDSA-UFCG)



Nota (10,00)
Prof. Msc. Erivan Silva(CDSA-UFCG)

Nota Final (Média)

Nota (10,0)

Sumé – PB

2013.

Dedico este trabalho aos meus pais, a todos os meus familiares, principalmente a memória de minha querida avó, Maria Batista que foi uma mulher que deixou muitas saudades e ensinamentos para minha vida e ao saudoso e inesquecível Zé Marcolino.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Luizinho Batista e Edileusa Batista, a quem eu tenho um enorme carinho, amor, respeito e estão sempre me apoiando nos momentos em que mais preciso, pelo amor e exemplo de vida que eles representam para mim.

Aos meus 09 (nove) irmãos Edileide, Lulinha, Rangel, Lindonberto, Alexandre, M^a José, Lucileide que fez as correções ortográficas desse texto, Alberto que estava sempre me apoiando e M^a das Dores (Dery).

A Deus, que sempre me guia e ajuda.

A meu namorado, Daniel Lêla, que está sempre me incentivando a nunca desistir nos momentos difíceis.

A todos meus familiares que torcem pelas minhas conquistas.

Ao meu professor-orientador, José Luciano de Queiroz Aires que sempre me inspirou e proporcionou grandes aprendizagens durante suas aulas, fazendo com que eu crescesse intelectualmente e pela afeição em ajudar-me a realizar este trabalho da melhor maneira possível.

A todos meus professores que tiveram atenção, paciência, dedicação e preocupação com a aprendizagem de todos que fazem o curso de Educação do Campo.

As pessoas entrevistadas durante a realização desse trabalho, Luizinho Batista, Ana Célia, Duda Medeiros e a Jurandy Ferreira de Oliveira, conhecido na cidade como o vereador (Danda) que se dispôs a emprestar-me seus documentos.

A todos meus amigos e amigas que, de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e também a construir os grandes momentos de minha vida.

RESUMO

Sendo a música, uma forma de representação sociocultural, histórica e ideológica, objetivou-se, nesse trabalho, identificar a representação que José Marcolino tinha sobre o Sertão. Observa-se inicialmente um breve histórico do lugar social do autor e sua biografia, dando ênfase ao seu encontro com Luiz Gonzaga na cidade de Sumé PB e, em seguida, serão analisadas algumas letras de suas concepções no que diz respeito a sua representação de sertão. Optou-se pela pesquisa bibliográfica, qualitativa e pela História Oral e pelo conceito de representação na linha do historiador Roger Chartier.

Palavras-chave: Música; Sertão; Zé Marcolino; Representação.

ABSTRACT

Being the music, a form of sociocultural, historical and ideological representation, we have aimed, in this paper, to identify the representation that José Marcolino had on the Hinterland. At first we observe a brief history of the social place of the author and his biography, emphasizing his meeting with Luiz Gonzaga in the city of Sumé PB and, then, some lyrics of their conceptions will be analyzed regarding their representation of the Hinterland. We have chosen the bibliographical, qualitative and the Oral History research, and the concept of representation in the thinking of the historian Roger Chartier.

Keywords: Music; Hinterland; Zé Marcolino; Representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM I- Vista panorâmica da cidade de Sumé	14
IMAGEM II- Mapa da Paraíba com destaque para o município de Sumé	15
IMAGEM III- Mapa da distribuição indígena na Paraíba colonial.....	17
IMAGEM IV- Fotografia do poeta José Marcolino.....	20
IMAGEM V- Homenagem na Festa da Cultura em Sumé (1986).....	24
IMAGEM VI- LP sala de reboco.....	25
IMAGEM VII - Convite para a missa de Zé Marcolino em serra talhada PE.....	26
IMAGEM VIII-Fazenda Serrote Agudo atualmente	40
IMAGEM IX- CD Pedra de amolar.....	47

Sumário

INTRODUÇÃO.	09
CAPITULO 1 - ZÉ MARCOLINO... O POETA DA CIDADE DE SUMÉ PB	14
1.1- Sumé...Traços de identidade local	15
1.2- O lugar social do poeta: por um esboço biográfico	19
CAPITULO 2- O SERTÃO QUE ZÉ MARCOLINO CANTOU	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	56
ANEXO I- homenagem do professor Daniel Duarte aos 75 anos do nascimento de Zé Marcolino	57
ANEXO II- Missa pelos 5 anos da morte de Zé Marcolino.....	58
ANEXO III- Notícias sobre o lançamento do CD Pedra de Amolar	59
ANEXO IV- A filha, Fátima Marcolino em matéria jornalística sobre seu pai	60
ANEXO V- busto de Zé Marcolino feito em Tabira PE	61
ANEXO VI- Trio de forró em Sumé com Zé Marcolino	62
ANEXO VII – Roteiros das entrevistas.....	63

INTRODUÇÃO

A cidade de Sumé-PB foi berço do grande poeta José Marcolino Alves, mais conhecido como Zé Marcolino. Em 1961, realiza seu sonho de conhecer Luiz Gonzaga, encontro que veio a ocorrer na cidade de Sumé. Foi o início de uma grande e frutífera parceria.

Com isso, nada mais rico do que investigar este nome da cultura do semiárido nordestino a fim de abordar em algumas letras de suas músicas o sentido sociocultural, histórico e ideológico que as envolve em suas construções, pois a letra só ganha sentido documental juntando esses elementos que são intrínsecos na canção. A presente proposta de pesquisa se justifica no tocante à originalidade do tema, pois ainda não existe na historiografia paraibana nenhuma pesquisa a respeito do tema e abordagem. Portanto, o objetivo desse trabalho consiste em compreender a representação do Sertão nas músicas de Zé Marcolino.

As músicas aqui analisadas são na maioria da década de 1960 e apenas uma de 1986, tendo em vista que os documentos encontrados para minha linha de pesquisa aparecem mais nessas épocas, não deixando de ressaltar que sua obra é vasta e rica e com certeza outros trabalhos surgiram com mais profundidade no tema exposto.

Teoricamente, essa pesquisa está fundamentada na vertente da História Cultural na linha do historiador francês Roger Chartier, sobretudo, no que tange ao conceito de *representação*. A História Cultural, para Chartier, é importante, pois esclarece e identifica o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída e pensada. Assim, ao voltar-se para a vida social é possível analisar suas representações presentes num determinado tempo.

Nos anos de 1950 e 60, os historiadores buscavam uma forma de saber centrado nos métodos quantitativos, contudo, a tendência hegemônica da historiografia atual vem contra esse quantitativismo absoluto, propondo novas formas de interrogar a realidade, trazendo como foco a história cultural e suas representações. Roger Chartier (1990, 1990, p. 16-17) evidencia que:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. [...] às quais o presente pode adquirir sentido.

Estudar na perspectiva da história cultural não significa buscar o “verdadeiro” Sertão, mas como ele foi representado pela música, como as composições de Zé Marcolino testemunham uma certa visão de Sertão. Trata-se de identificar o contexto em que as mesmas são compostas e as formas de representações presentes num determinado tempo e espaço.

Também busca-se aporte teórico na Educação do Campo, pois uma tarefa árdua que envolve o cotidiano de docentes é a de estabelecer relações entre o conteúdo e o dia-a-dia dos sujeitos do campo, sendo uma forma importante de se trabalhar usando músicas como uma nova forma metodológica.

As canções de José Marcolino, por exemplo, é uma opção para se trabalhar, pois, são fortemente marcadas por suas ideologias e pelo amor a sua terra e às riquezas da região que muitos desconhecem; inclusive os indivíduos dessa mesma região. A canção *Caboclo Nordestino*, enfatiza que o caboclo é humilde, roceiro, disposto, trabalhador, sendo uma ótima música para se trabalhar com esses sujeitos, pois muitos passam por essa situação que se assemelha com essa letra e a Educação do Campo se atrela a todo esse contexto, pois, enfatiza a valorização do lugar, de sua terra, do sujeito do campo. Para PERREIRA (2000) A análise da música como imaginário social traz consigo a ideia de algo que atua nas construções de valores e conceitos de uma sociedade, na difusão de modelos comportamentais e ainda, expressa aquilo que é captado do cotidiano e introjetado para influenciar. De tal ideia surge a questão da circularidade cultural da música.

Com isso, vemos que a Licenciatura em Educação do Campo é um curso que tem como objetivo formar professores e educadores para as escolas do campo. Os futuros docentes saem formados em Educação do Campo e habilitado em determinada área.

É necessário retomar historicamente os fatos e compreender como ao longo dos anos a relação com o campo, na década de 1990 até a atualidade, a educação vem sendo construída a partir de relações de forças, a exemplo das Diretrizes para a Educação do Campo, entre outros projetos e programas materializam a formação dos profissionais nessa área. Não se pode falar na origem da Educação do Campo sem falar nos Movimentos Sociais do Campo, a exemplo do MST (Movimento dos sem Terra), pois perpassa por dilemas, desafios, perspectivas e lutas, para que fosse reconhecido esse profissional no mercado de trabalho.

Esse modelo de escola nasce vinculado ao conceito de Educação Rural na década de 1920, só que ambas não podem ser comparados já que têm objetivos totalmente diferentes. Com isso, é necessário perceber qual educação está sendo oferecida no meio rural e qual a

concepção de educação está presente nessa oferta. Essa Educação Rural surge em meios a interesses da burguesia, a fim de mostrar apenas a miséria, pobreza, alta evasão escolar, baixa escolarização, alto índice de repetência, entre outros.

A partir da década de 1950 inicia um processo de dualismo, onde o processo de industrialização e o da agricultura seguia caminhos distintos no Brasil. Segundo Socorro Silva (2011, p. 405):

No cotidiano das relações sociais do campo/rural observam-se como os valores da urbanidade são impostos de forma marcante, misturando novos e velhos elementos, como partes do processo de “modernização conservadora capitalista” nas relações sociais de produção, vai construindo uma materialidade e uma mentalidade do campo sem possibilidades de sustentabilidade, e, portanto sem gente.

É nesse momento entre a década de 1950 e 1960 que se observa na história a migração das pessoas do campo para os centros das cidades a procura de empregos nas indústrias, em 1960 surgem as práticas da Educação Popular, que propunha a formação dos sujeitos de forma coletiva, o que proporcionou contribuições importantes para a elaboração das propostas pedagógicas da Educação do Campo.

Uma nova proposta surge para a formação dos profissionais a partir da década de 1980 que ainda são pequenas tentativas de projetos e com a Constituição Federal de 1988 abriu alguns caminhos e direitos que antes haviam sido negados. A partir de 2003, as discussões do campo são retomadas, inicia-se então uma grande mobilização para construir uma agenda específica para a educação do campo.

Com este breve contexto referido, mostrou-se que durante muito tempo houve a exclusão ao direito à terra, e a educação no campo é um desafio para todos que fazem parte da educação, assim como incluir de forma coletiva todos esses sujeitos que durante muito tempo foram vítimas de exclusões advindas das elites brasileiras.

Em seu texto **A construção da licenciatura em educação do campo: espaço de diálogo e rupturas na universidade** (2011), a professora Socorro Silva esclarece questões que, a seu ver, precisam ser vistas por todos os leigos que julgam o assunto e na verdade desconhecem a realidade e/ou ocultam sua grande importância. Ela esclarece um pouco as diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo e sua fundamentação legal e também prática, mostrando o suporte legal necessário para enfrentar esses embates preconceituosos existentes na educação do campo.

Sendo assim, a grande finalidade da educação do campo é valorizar aquele aluno, seu conhecimento, e o lugar em que vive, e para que isso aconteça é preciso que todos compreendam o campo desses sujeitos utilizando a música como uma das formas de metodologia no ensino e inserindo ao mesmo tempo compositores da nossa região.

Portanto, procurou-se articular nesta pesquisa sobre José Marcolino à Educação do Campo. Essa articulação se dá em alguns pontos: a) O estudo é de um artista camponês, um homem do Semiárido paraibano que se tornou conhecido nacionalmente; b) Procurou-se compreender que representações imaginárias de Sertão, do campo e camponês foram narradas nas composições musicais de Marcolino; c) Busca-se uma pesquisa-ação que possa trabalhar na linha teórica da convivência com o semiárido nas escolas do campo, procurando superar o preconceituoso discurso da “região problema”.

Maria Auxiliadora Schimidh (2004) no seu livro *Ensinar História traz* propostas importantes ao ensino de história através de trabalhos com documentos apontando métodos, técnicas e recursos didáticos, o que faz com que estimule os alunos.

Sendo assim, há uma necessidade da utilização da música como documento histórico e como instrumento nas inovações metodológicas na sala de aula, iniciando com análise da forma direta: quando os eventos históricos são materiais constituintes da narrativa; e na forma indireta: quando a realidade é alegorizada ou a narrativa não remete aos fatos diretamente, mas às estruturas que formam uma sociedade dada, ou seja, muitas letras de músicas podem trazer algo que não está explícito na letra e que com análise percebe-se o fato presente no contexto que ela se encontra, pois toda música é feita com as marcas de seu tempo e do lugar social do autor. PERREIRA:

[...] a música sempre ocupou papel de destaque na cultura em geral, a música é o signo cultural pelo qual somos conhecidos internacionalmente no mundo inteiro. Nossa dicção é o diferencial que nos singulariza como marca de expressão de nossos hábitos, valores, modos de vida, maneira de ser, agir e pensar. (PERREIRA, 2000, p. 09)

Quando se aborda um documento musical como fonte histórica, precisa-se avaliar a datação, autoria, condições de elaboração, coerência histórica e conteúdo, representações simbólicas, linguagens e tecnologias de registro, pois tudo isso está presente numa música.

É pertinente ressaltar a intencionalidade de cada compositor quando está compondo suas músicas, o contexto da época e neste caso seu interesse de apresentar para o mundo a música oriunda do Sertão do Nordeste do Brasil, cheio de poesia musicada.

Precisa-se perceber como essas linguagens musicais estão sendo produzidas nos diversos processos sociais e culturais e qual a melhor forma de se trabalhar um contexto histórico em uma análise musical.

Ensinar e produzir História é trabalhar com identidades, com cultura e, por que não, com a formação dos cidadãos e cidadãs que exercem papéis distintos na vida e na sociedade. Sendo indispensável o empenho de todos na formulação de uma nova educação no Brasil, no ensino de que a história ainda prevalece uma visão eurocêntrica e positivista. Estudar Zé Marcolino é também dar visibilidade a um sujeito da cultura popular.

Os estudos históricos serão renovados, à medida que as indagações sobre o passado mudem de acordo com o tempo presente, estabelecendo relações possíveis entre as dimensões de temporalidade, nesse contexto pode-se até dizer que a música sempre manteve ligação direta com o homem e com o mundo.

Trabalhou-se com a abordagem da pesquisa qualitativa buscando descrever a representação de Sertão na visão de Zé Marcolino e utilizando métodos para pesquisa bibliográfica e documental, usando para coletas de dados a entrevista com roteiros pré-definidos.

A história oral começou a ser utilizada nos anos 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México e desde então se difundiu bastante. Essa metodologia de pesquisa consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que têm conhecimento sobre determinado assunto, nesse caso, entrevistou-se pessoas que eram próximas ao compositor e/ou fã do mesmo a fim de investigar acontecimentos do passado, utilizando documentos escritos, imagens ou outro tipo de registro.

O presente trabalho se encontra dividido em dois capítulos. No Primeiro Capítulo, intitulado **Zé Marcolino... O poeta da cidade de Sumé** procurou-se falar sobre a identidade do lugar (Sumé) e o lugar social do compositor (biografia), importante para entender o objetivo geral dessa pesquisa. No segundo Capítulo, intitulado **O Sertão que Zé Marcolino cantou...** Aplicou-se o método de interpretação das músicas como documento histórico e objeto de estudo, analisando que Sertão fora construído no imaginário arranjado em notas musicais por José Marcolino.

CAPÍTULO I

ZÉ MARCOLINO... O POETA DA CIDADE DE SUMÉ PB

Ele vivia de fazer música e mandar para Luiz Gonzaga, mais antes era a roça, [...] trabalhava de marceneiro [...] cantava repente mais os violeiros, embolada, cantava também...

(Dimas Marcolino Alves)

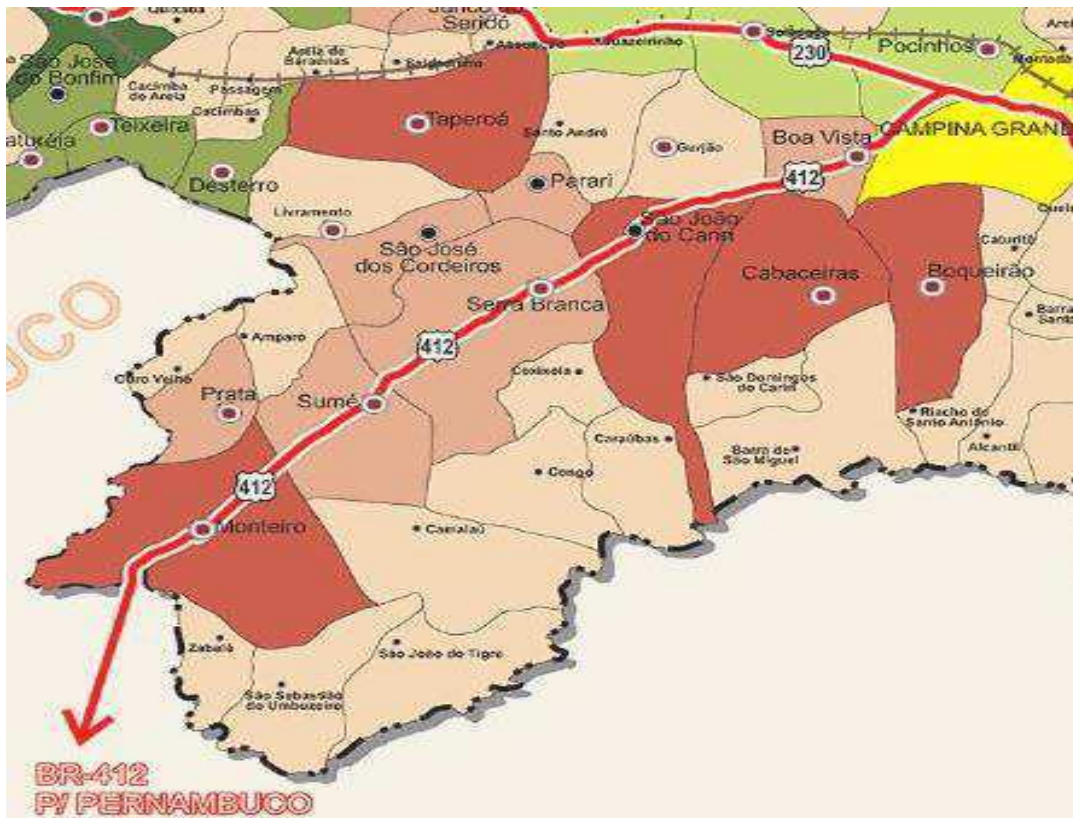
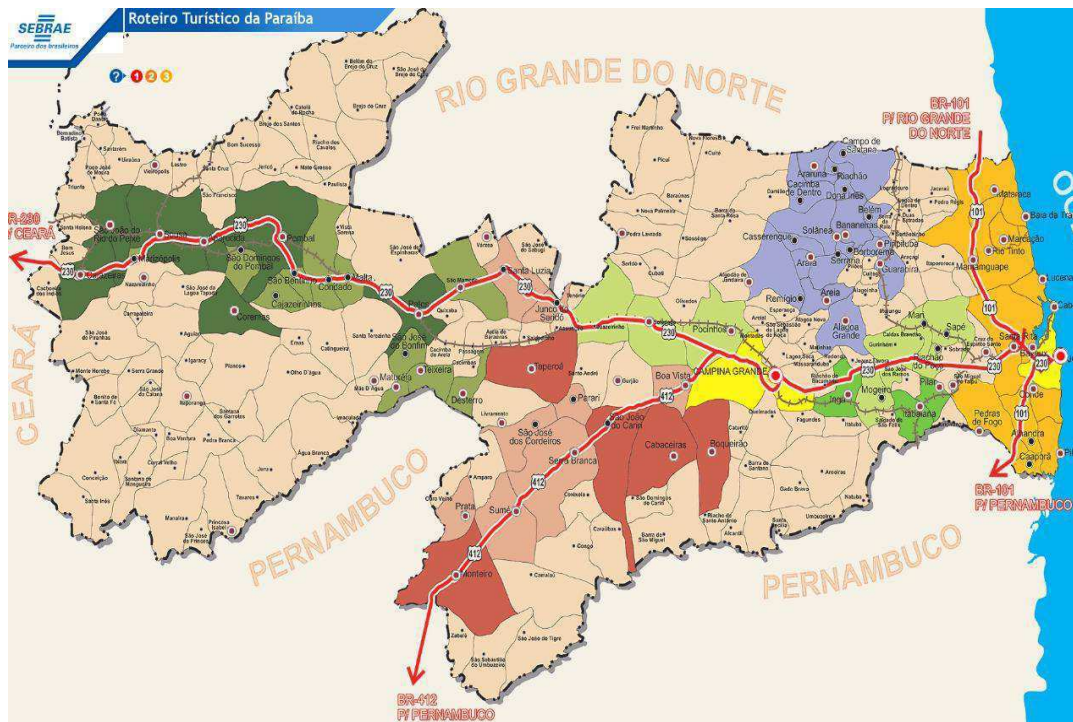
1.1 SUMÉ... TRAÇOS DE IDENTIDADE LOCAL

IMAGEM I- VISTA PANORÂMICA DA CIDADE DE SUMÉ



Fonte: <http://www.cidade-brasil.com.br/foto-sume.html>. Acesso: 29 ago. 2013

IMAGEM II- MAPA DA PARAÍBA COM DESTQUE PARA O MUNICÍPIO DE SUMÉ



O município de Sumé se encontra localizado na mesorregião da Borborema e na microrregião do Cariri Ocidental. Ocupa uma área de 864 km e se localiza a 264 km de distância da capital João Pessoa. Situa-se numa zona de clima semiárido, caracterizado pela insuficiência das precipitações e temperaturas que ocasionam acentuada evaporação. Com posição geográfica latitude sul 36° 52' 48" longitude sul 07° 40' 19" e limites territoriais com São José dos Cordeiros (norte); Camalaú e Monteiro (sul); Congo e Serra Branca (leste) e Amparo, Ouro Velho e Prata (oeste).

Segundo o censo do IBGE¹ 2010, Sumé tem uma população total de 16.060 habitantes, a vegetação predominante é o bioma caatinga hiperxerófila densa, própria do sertão e clima semiárido. Entre as espécies de plantas mais encontradas na região estão: xique-xique, mandacaru, macambiras, facheiros, babosa, baraúna, craibeiras, favelas, jurema vermelha, quixabeira, aroeira, umbuzeiro, juazeiro.

Encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Paraíba. As sub-bacias são o Rio Sucuru, principal rio do município sendo interrompido no seu curso pelo açude que fica aproximadamente a 2 km da cidade. Os rios mais conhecidos são: Rios Pedra Comprida, Olho d'água dos Caboclos, Olho d'água de Cima, Mandacaru, Oiti e Cachoeira, existindo outros.

Sua economia baseia-se nos setores terciários e secundários, na agricultura de subsistência, comércio e, principalmente, no funcionalismo público. Na pecuária predomina a criação de caprinos e ovinos. Observa-se também a piscicultura artesanal (com uma associação de pescadores) no bairro Carro Quebrado.

A história do atual município de Sumé remonta os quadros da colonização portuguesa nos sertões da América Portuguesa.

Ao processo de ocupação do interior, corresponde o aparecimento de povoados a partir da atividade do gado e do algodão e, assim, se tornando cidades. De acordo com Mello (2007, p.72): “Do ponto de vista da conquista do Sertão da Paraíba, empreendida entre 1670 e 1730, as aldeias indígenas mais importantes foram aquelas dos cariris, às margens da Paraíba, em Pilar e Boqueirão”, também fala da família dos Oliveira Lêdo no processo de ocupação do Paraíba:

Quando Antônio de Oliveira Lêdo, cuja sesmaria se localizava atrás de Vidal de Negreiros, no vale da Paraíba, chegou à missão indígena cariri de Boqueirão, na

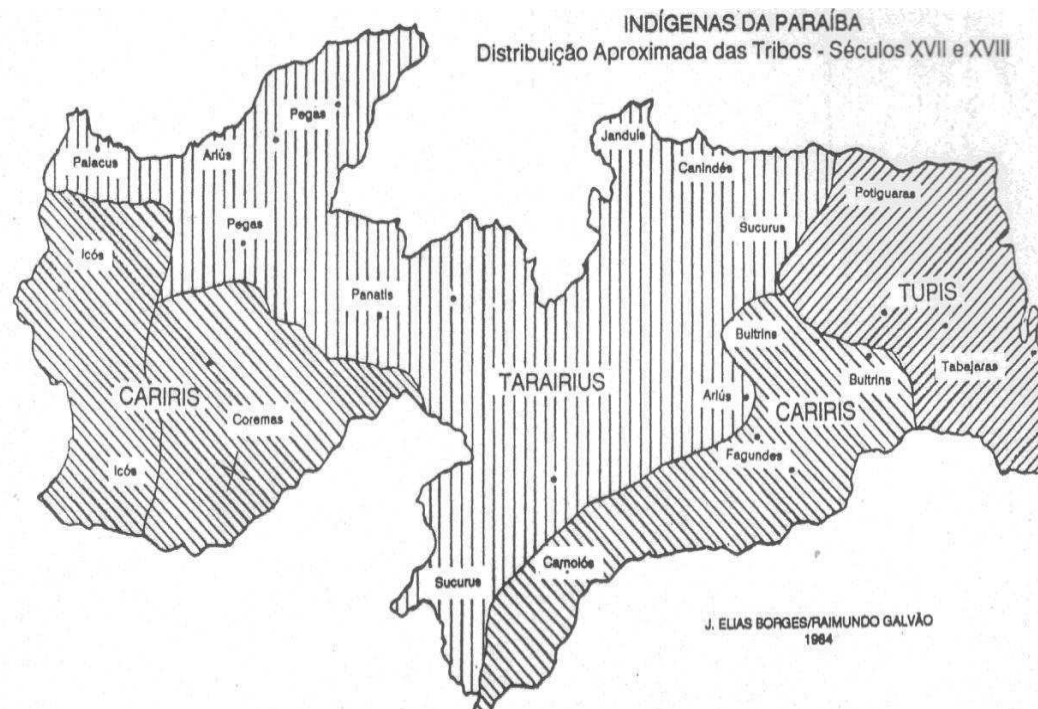
¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

serra do Carnoió, no curso médio daquele rio, em 1670, o sertão da capitania já se encontrava parcialmente ocupado pela Casa da Torre. Nesse sentido a presença desta nos sertões paraibanos dataria de 1663. [...] (MELLO, 2007, p.73)

Com a consolidação por parte dos Oliveira Ledo pelo sertão, houve a presença dos bandeirantes que além de espalhar o gado pelos campos do criatório queriam índios reduzidos ao cativo para a vendagem no litoral. Com isso, os índios trataram em defender suas terras e resistiram ação que ficou conhecida como a “Guerra dos Bárbaros”, muitos índios foram massacrados e os bandeirantes continuaram fundando suas fazendas de gado e a concentração desta era em currais, e surgindo as primeiras fazendas e arraiais.

Com a Carta Régia, expedida pelo Rei de Portugal, em 1701, que proibia a criação de gado em uma área de uma faixa de aproximadamente dez léguas a partir do litoral brasileiro, a fim de preservar o cultivo de cana-de-açúcar, acabou contribuindo para a expansão da pecuária, sobretudo para criação de gado e para a interiorização do Brasil. No final do século XVII e início do XVIII, iniciou-se a fixação de colonos na zona do Cariri paraibano. Procedentes do próprio Estado e de Pernambuco, ali se estabeleciam com fazendas de criação de gado.

IMAGEM III- MAPA DA DISTRIBUIÇÃO INDÍGENA NA PARAÍBA COLONIAL



Fonte: BORGES, 1993, p. 38.

O mapa acima nos mostra a distribuição dos grupos indígenas pela Paraíba, sendo os *sucurus* do grupo dos *Tarairius* os que mais enfrentaram a colonização portuguesa. Estes habitavam a área do atual Cariri, inclusive dando nome ao rio que banha a cidade de Sumé e a um distrito da cidade de Serra Branca. Assim, a história de Sumé e do Cariri colonial se dá em meio ao latifúndio e exploração indígena para assentar as bases da colonização portuguesa calcadas na pecuária e, posteriormente, no ciclo algodoeiro.

Em 1865, uma Lei Provincial separou o distrito de Alagoa do Monteiro do território de São João do Cariri, ficando a povoação de São Thomé - fundada em 1903 - (atual Sumé) pertencente a Monteiro. Segundo Silva (2011) um assunto que tomou conta do distrito de São Thomé foi a emancipação política do lugar, já que possuía uma grande área territorial, bom comércio na feira com a pecuária, bom destaque na agricultura com o algodão e a população com cerca de nove mil habitantes. Em 1943, foi instalada a paróquia local. Com a reforma administrativa desse mesmo ano, onde o interventor da Paraíba, Ruy Carneiro, emitiu o decreto-lei nº 520, o qual mudava o nome de praticamente todas as cidades e distritos do Estado, assim São Thomé passava a chamar-se Sumé. Silva (2011, p.81) diz que:

O nome *Sumé* – ou *Zumé*– faz parte de uma lenda dos índios de todas as Américas, encontrada com pequenas variações desde o norte do México até os pampas argentinos, passando naturalmente pelo Brasil. A cultura oral indígena refere-se a uma entidade, talvez um deus, que passava pelas tribos ensinando a arte do cultivo da terra.

Seus filhos adotaram o gentílico sumeense, a princípio houve algumas resistências, mas logo se adaptaram à mudança.

Para se falar na emancipação política de Sumé, se faz necessário citar José Farias Braga, mais conhecido como Zé Farias. Nasceu em Ingá do Bacamarte PB, morou por um tempo na cidade de Campina Grande, era um farmacêutico e lá desenvolveu um problema respiratório por conta do clima úmido, resolveu passar uma temporada em local de ar mais seco, ficou sabendo que a Vila de São Thomé não possuía nenhum farmacêutico aproveitou a oportunidade e investiu em sua Farmácia dos Pobres, esse foi o nome dado.

Zé Farias começou a alimentar ideias de separar São Thomé de Monteiro, reunindo amigos, lançou a proposta e começou um movimento, como era ano de eleição em 1946, Oswaldo Trigueiro passava pela cidade e se comprometeu se caso fosse eleito, São Thomé

ficaria independente, sem duvidas alguma ele teve ótima votação na nossa cidade e o povo aguardava a sua promessa que não foi cumprida.

Finalmente, é assinada em 08 de fevereiro de 1951 a Lei Nº 513/51 concedendo autonomia política a Sumé, concretizando o sonho secular do povo, sendo que a festa ficou marcada para o dia 1º de abril deste mesmo ano.

Irineu Severo ficou sendo prefeito interino até a instalação do município e da posse do novo prefeito eleito na eleição Zé Farias, eleito pela primeira vez e como candidato único. A cerimônia de posse ocorreu em 30 de novembro de 1951. Nesse momento, acontecia o processo de urbanização da cidade de Sumé PB, construções de ruas, pavimentos e espaços para lazer.

Uma data importante que preciso fazer referência é a de 1957, na qual teve início a construção do açude, já que desde 1953 a população vivia um tempo muito difícil por conta da estiagem arrasadora no local, muitas famílias passaram fome. A escritora sumeense Ritinha Leite (2003) relata em seu livro *Sumé que eu trago na memória*, que deviam ao velho José Américo de Almeida a independência do município, então ministro, além do auxílio aos flagelados pela fome. Também por José Farias tiveram o primeiro clube que não foi feito com dinheiro público, ele organizava o projeto e era com o dinheiro dos sócios e a ajuda de todos que construíram.

A autora também faz referência a um grande artista que nossa cidade teve: Miguel Guilherme. Ele era pintor e arquiteto, fez a pintura do teto da Igreja Católica da nossa cidade e a estátua do Padre Silvio localizada em frente.

1.2 O LUGAR SOCIAL DO POETA: POR UM ESBOÇO BIOGRÁFICO...²

De tempos em tempos nossa história
 Nos resguarda alguns gênios ao destino
 Que até mesmo o mais cético se debruça
 Observando o capricho do divino
 Como a música cantada com emoção
 Se debruça também hoje o sertão
 Pra saudar o seu gênio Marcolino.

(Alberto Batista)³

² Esboço biográfico baseado no livro **Cantadores, prosas sertanejas e outras conversas** (1987), do autor José Marcolino.

³ José Alberto Batista da Silva, o poeta, nasceu em 10 de janeiro de 1984 na cidade de Sumé/PB. Formado em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba, é poeta, compositor, músico e cordelista.

IMAGEM IV- FOTOGRAFIA DO POETA JOSÉ MARCOLINO



José Marcolino Alves nasceu no sítio Várzea, pertencente ao Major Napoleão Bezerra Santa Cruz, no atual município de Sumé, em 28 de junho de 1930. Seu pai, Pedro Marcolino Alves, nome que recebeu em 1883, quando nasceu no sítio Cantinho, entre os sítios Angico Torto e Riacho da Roça, hoje município de Sumé. E a mãe paraibana, Francisca Gomes de Melo, nascida no sítio Terra Vermelha, também no município de Sumé, em 1887, teve 21 filhos sendo Zé Marcolino o último deles.

Aos 16 anos, Zé Marcolino foi morar na vila de Prata e foi lá que começou a se interessar pela música. Conversando com alguns poetas da região, resolveu anotar/escrever, com suas palavras, coisas de sua terra natal e do Sertão nordestino. Era autodidata.

Desde cedo se encantou pela música e pela poesia. Costumava ser convidado para animar bailes e festas em sua cidade natal, cantando obras de sua autoria ou de outros artistas, especialmente de Luiz Gonzaga. Trabalhou como carpinteiro, barbeiro, vaqueiro, entre outras atividades, ao mesmo tempo em que fazia suas composições e sonhava com o dia que pudesse mostrá-las para que Luiz Gonzaga as gravasse.

Muitas vezes, escreveu cartas para o “rei do baião”, sem êxito nas possíveis respostas. Recebeu muito incentivo por parte de Evandro Ramos⁴, quando o poeta já havia perdido a

⁴ Conterrâneo e amigo de Zé Marcolino era ele que escrevia suas cartas que eram direcionadas a Luiz Gonzaga.

esperança, em 1961, numa madrugada em que ele havia ido da Prata a Sumé, receber um dinheiro de um boi que havia vendido, enfim, se encontrou com Luiz Gonzaga. Este se encontrava hospedado no Grande Hotel, onde fez parada em sua turnê pelo Nordeste. No encontro, perguntou se nunca havia recebido cartas de José Marcolino Alves e Gonzaga respondeu que não sabia, pois não lembrava, mas que depois certamente escutaria tais composições que Marcolino gostaria de mostrar.

Uma grande insegurança reinava em Zé Marcolino, pensou naquele momento que até sua aparência atrapalhasse já que ele usava cabelo grande, chapéu de cigano e bigode grande, tendo medo que Gonzaga chegasse a imaginar que ele fosse algum “desordeiro”. Pensou que Luiz o rejeitara por preconceito com o seu estilo despojado.

Então, naquele período de estadia na cidade, Zé Marcolino ficou sabendo que as pessoas que estavam mais ligadas a Gonzaga eram: José Farias, o prefeito da época, e o Juiz da Comarca. Então foi direto à procura do prefeito, que era compadre de seu pai. O chefe do Executivo perguntou o que ele gostaria de mostrar a Luiz Gonzaga. Marcolino respondeu que gostaria de apresentar suas composições ao “rei do baião”. José Farias pareceu não acreditar muito na possibilidade de Zé Marcolino ter o reconhecimento de Luiz Gonzaga. Marcolino ficou entristecido com essa situação e disse que Zé Farias não sabia o que era música e não tinha conhecimento do assunto que o apresentasse a quem de fato entendia de música, no caso, o “rei do baião”. O prefeito, insatisfeito com o que ouvira, mandou que voltasse em outro momento que o apresentava.

Sendo assim, Zé Marcolino resolveu ir sozinho ao hotel para se apresentar a Gonzaga, ficando na porta, à sua espera. Eis que o mesmo aparece, acompanhado do juiz da cidade, Dr. Amauri, e uma cantora que viajava com ele, Inalba, uma paulista. Ao pedir novamente para que ouvisse as músicas, Luiz Gonzaga atendeu e se dispôs a ouvir o poeta. Entre algumas músicas Zé Marcolino cantou *Moxotó*, inspirado pela música homônima Jackson do Pandeiro e então começou:

Você não pense que é só Moxotó
 Que tem cabra extravagante
 Ele não está só, vou-lheprovar
 Que também no meu Estado
 Tem sujeito viciado
 Como bem, no Piancó, se atirar pra
 Burro brabo e segurar no mocotó

Após o término da música, Luiz Gonzaga perguntara quantas composições Marcolino iria lhe passar e ele responde que umas três e começa a cantar outra música chamada *Pássaro Carão*.

Pássaro Carão cantou
 Anum chorou também
 A chuva vem cair
 No meu sertão
 Vi um sinal, meu bem
 Que me animou também
 Ainda ontem vi
 Pólvora no chão

Gonzaga se interessou pelas músicas, resultando em um convite para que Zé Marcolino fosse com ele ao Rio de Janeiro. Feliz com o convite e, ao mesmo tempo, triste por ter que deixar o seu lugar, seus seis filhos José Anastácio, Maria Lúcia, Maria de Fátima, José Walter, José Paulo e já que naquela época não tinha chegado ainda seu caçula José Itagiba, foi dizendo logo a sua esposa Maria do Carmo Alves do encontro com Gonzaga em Sumé e que ele o viria buscar em aproximadamente dois meses. Quando menos esperava, recebeu um telegrama de Luiz Gonzaga que vinha de Recife e que gostaria de levá-lo à capital federal.

Em 7 de outubro de 1961, Marcolino seguiu para Sertânia – PE, para pegar umas roupas que havia mandado consertar e de lá seguiu viagem. Ficou hospedado na casa de um compadre de Gonzaga, aguardando sua chegada que se deu no mesmo dia.

Seguiram por algumas cidades do Pernambuco, Afogados da Ingazeira-PE, onde ficou responsável como porteiro de um show de Gonzaga, transmitido pela Rádio Pajéu. No decorrer do show, Gonzaga lhe fez uma surpresa cantando *Pássaro Carão*. No outro dia, seguiram para Carnaíba-PE, para a segunda apresentação daquela jornada, e depois para a cidade de Flores-PE. De lá seguiram em direção para Floresta do Navio-PE, passando por Sítio dos Nunes-PE, Barra do Juá-PE, seguiram fazendo apresentações em Belém de São Francisco-PE e Araripe-PE onde passaram três dias na casa do velho Januário.

Seguindo viagem, Marcolino fez sua primeira apresentação em Paulo Afonso-BA onde cantou *Sertão de Aço* e o público aplaudiu. Gonzaga ficou feliz com o que viu. Em Cícero Dantas-BA, fizeram a última apresentação em território baiano, seguindo diretamente para o Rio de Janeiro.

Em 1962, no Rio de Janeiro, produziu, com Luiz Gonzaga, o LP *Ô veio macho*, no qual foram incluídas seis parcerias da dupla de compositores. Marcolino fez parte da gravação

tocando “*Gonguê*” que é uma espécie de sino com a boca achatada em metal e mede de 20 a 30 cm, percutida com um pedaço de ferro, presente na percussão dos maracatus.

No LP *Triste Partida*, Luiz Gonzaga gravou mais quatro músicas de Zé Marcolino. E tiveram a acompanhá-lo, ao longo da carreira, poetas que souberam colocar em palavras a força mostrada por sua musicalidade, a exemplo de Humberto Teixeira, Zé Dantas e Zé Marcolino.

Em entrevista concedida no Rio de Janeiro, questionado se o mesmo pretendia apenas ser compositor Zé Marcolino comentou fez o seguinte comentário: “Seu Luiz Gonzaga, na vinda aqui para o Rio, apresentou-me como cantor em Paulo Afonso (BA). Quer que eu cante aqui também. Vou ver se tenho coragem para isso”. José Marcolino, com sua linguagem simples, falou sobre suas atividades, como vaqueiro, pedreiro, barbeiro e compositor na cidade de Sumé. Perguntado a respeito de qual delas seria mais rentável, respondeu o poeta: “acho que é a de vaqueiro. Vender gado é um bom negócio”, atestou. Ele também rememorou as cartas que enviava para Luiz Gonzaga. Disponível em: <<http://www.serratalhada.net/cultura/mostra.asp?noticia=noticia11.asp>> Acesso em: 06 ago. 2013.

A saudade do Sertão o fez voltar para o pé de serra onde deixou ficar seu coração. Até hoje, intelectuais, magistrados, promotores, jornalistas, músicos e literários reverenciam José Marcolino Alves. Gonzaga pensava que ele retornaria ao Rio, mas esse não era o pensamento de Marcolino.

Seguiram viagem Zé e Gonzaga e fizeram uma única apresentação na viagem, em Itaobim- MG, antes de chegar ao Nordeste. De Fortaleza foram para Sobral e era o momento da despedida com o *rei do baião*, pegou um ônibus para Campina Grande-PB e, dali, outro para Sumé. Chegando à cidade, fretou um carro para a Prata-PB onde reencontrava seus familiares.

Realizou o São João em Sumé, em 1963, de muita animação, apesar daquele momento Zé Marcolino ter passado por um momento difícil, pois ficou doente do sistema nervoso, e com apoio de amigos e do médico Dr. José Ramos Reinaldo conseguiu superar.

IMAGEM V- HOMENAGEM NA FESTA DA CULTURA EM SUMÉ (1986)

Fonte: Arquivo de Jurandy Ferreira (Danda)

Apenas em 1983, produzido pelos integrantes do Quinteto Violado, ele lançou seu primeiro e único disco (Imagem V), o LP *Sala de Reboco*, produzido pela *Chantecler*. Assim, como também seu único livro *Cantadores, Prosa Sertaneja e Outras Conversas* (UFRPE, 1987). Suas composições eram marcadas pelo xotes, baiões, arrasta pés, samba de latadas, forrós e canções.

IMAGEM VI- LP SALA DE REBOCO



A lira de Zé Marcolino se calou, precocemente, aos 57 anos de idade, em 20 de setembro de 1987, quando a trajetória do poeta foi cortada por um acidente de carro. Para muitos dos seus admiradores, foi uma forma irônica de morrer para aquele que em sua obra escreveu um *poema pra estrada*. Como diz na poesia popular de Sebastião Dias: “A estrada matou quem escreveu/ o mais belo poema da estrada” e são estas letras em homenagem a Marcolino que estão lá encravadas no pé da sua cruz.

Sobre a história de Zé Marcolino, Fátima Marcolino⁵ narrou a respeito de seu pai para Rinaldo Ferraz, fã do poeta, que construiu uma casa em Recife-PE dedicada, exclusivamente, ao forró pé de serra dando o nome de sala de reboco.

A família não tem queixas de Gonzagão, afinal foi por ele ter cantado as canções de Zé Marcolino, que o compositor tornou-se uma das lendas da música nordestina. Fátima Marcolino ressalta que somente de "sala de reboco" existem mais de trinta versões diferentes. É com o rendimento dos direitos dessas gravações que dona Do Carmo, viúva do compositor tira o sustento. Eternamente bem-humorado Zé Marcolino quando mostrava uma composição a algum cantor dizia que aquela era da sua "reserva especial". Esta reserva infelizmente está acabando. "Só restam umas dez músicas do meu pai que ainda não foram gravadas", diz Fátima Marcolino. Embora tratasse todo mundo, e a si mesmo, por "poeta", Marcolino não escrevia poesia: "Essa coisa de soneto, poemas, ele não costumava fazer não. Tudo que escrevia era com o violão de lado: "musicava e registrava num gravador", conta Fátima Marcolino. Suas músicas surgiram de fatos que o tocaram, como a primeira viagem do homem à lua: "Quando soube que o astronauta tinha descido na lua, meu pai falou para a gente: 'Como é que se pisa numa coisa linda daquela?' ' E aí fez "Ciúmes da lua", revela a filha: "... Testemunha dos amores/ Tocaram nesse teu corpo/ Três cabras conquistadores/ Te pegaram descuidada/ Tiraram teu perfume/ E eu fiquei atormentado/ Já pra morrer de ciúme", a primeira estrofe da modinha, gravada por Irah Caldeira. (Rinaldo Ferraz).Disponível em: <<http://www.saladereboco.com.br/homenagens.php>> Acesso em: 10 ago. 2013.

A I Missa do Poeta foi realizada em 1988, em Serra Talhada, sertão pernambucano. "Missa do Poeta encanta o sertão", "Show de Gonzaga emociona e só acaba na madrugada", essas eram as referências nos grandes jornais sediados no Recife sobre o evento. No dia 18 de setembro de 1988, cerca de cinco mil pessoas lotaram a Concha Acústica de Serra Talhada para assistir a primeira Missa do Poeta, celebrada pelo padre Francisco de Assis Rocha em homenagem a Zé Marcolino, no primeiro aniversário do seu falecimento.

IMAGEM VII- CONVITE PARA A MISSA DE ZÉ MARCOLINO EM SERRA TALHADA PE



Fonte: Acervo Jurandy Ferreira (Danda)

⁵A filha primogênita do poeta e compositor Zé Marcolino, também poetisa e escritora.

A primeira programação da Missa durou três dias, de quinta a sábado, como também funciona a Sala de Reboco⁶. Mas foi na sexta-feira, que houve o grande ápice das festividades da Missa: juntos cantaram, Luiz Gonzaga, Ivan Ferraz, Alcimar Monteiro, Rui Grude, Elias Nogueira, Os Tropicais de Monteiro, Flávio José, Arlindo dos Oito Baixos e Nádia Pessoa, uma menina de sete anos que foi a grande atração tocando músicas nordestinas em harpa. Além de outros nomes: Sebastião Dias, Geraldo Feitosa, Val Patriota, Zeto e Bia e o fabuloso Lourival Batista, o Louro do Pajeú. A partir de 1991, a Missa do Poeta passou a ser realizada na cidade de Tabira também no interior de Pernambuco, sempre com a presença de grandes poetas.

Zé Marcolino tem essa grande relação com Pernambuco porque, quando retorna à Paraíba, onde fica no município da Prata até 1973, foi para Bahia e ficou até 1976 e foi em Serra Talhada, no Sertão do Pajeú, que ele terminou seus dias de vida. Ao que parece, Zé Marcolino procurou moradia no Pajeú, por acreditar ser este lugar mais abrangente para sua música e poesia. Tanto é que ainda hoje é tratado com respeito e admiração naquela região pernambucana. Em Serra Talhada, Marcolino tem praça em sua homenagem e também dá nome a ruas.

Falando com a sumeense Ana Célia, que realizou um documentário com duração de 15 minutos sobre a história de Zé Marcolino ela retrata esse amor que Zé Marcolino tinha pelo Pernambuco:

Na verdade ele sempre gostou de lá e quando ele chegou lá ele foi abraçado, e se você for ver isso eu constatei de perto, porque Pernambuco dá muito mais valor a cultura [...] ele é mais conhecido no Pernambuco do que o estado que nasceu, essa é uma das questões, qual é o artista que não vai ficar no lugar que é valorizado? Ele vai ficar na terra dele onde não é valorizado? [...] e o Pernambuco para você ter uma ideia lá na praça eles fizeram, tem um busto em homenagem a ele em Serra Talhada, Tabira é onde é celebrada a missa do poeta, que é em homenagem a ele, [...] a primeira missa do poeta foi celebrada em Serra Talhada, foi criado lá [...] só que depois passaram para Tabira ate por conta da localização, ficava mais próximo tanto para o pessoal daqui quanto para os de lá.

O professor José Medeiros, conhecido na cidade por Duda Medeiros nos relatou o seguinte, a respeito:

Eu inclusive quero lhe elogiar, parabenizar na verdade por essa iniciativa, pois é como eu coloco para todos os meus alunos, todas as pessoas que eu falo, nós temos um verdadeiro representante de Sumé a nível cultural que chama-se José Marcolino,

⁶ Casa de forró dedicada exclusivamente ao forró pé de serra. Foi inaugurada em 1999 tendo como idealizador e condutor da sala Rinaldo Ferraz que na decoração das paredes utilizou a decoração típica da região sertaneja pintados por artistas plásticos de Pernambuco.

e que o próprio povo de Sumé não têm esse conhecimento, nas minhas andanças quando eu era secretário de cultura nas reuniões, onde a gente se encontrava, em todo canto que eu falo que sou de Sumé as pessoas ligadas a cultura a primeira frase é cidade de Zé Marcolino, e o povo sumeense não conhece Zé Marcolino, então é uma riqueza assim que Zé Marcolino deixou nas suas composições, na divulgação do nosso município você ver tantos cantores e compositores que gravaram Zé Marcolino hoje que conhecem, agente chega em Pernambuco, na verdade a gente tem que tirar o chapéu para Pernambuco, Pernambuco valoriza muito a cultura, não só a cultura de lá como a cultura de um modo geral [...] a gente tem que tirar o chapéu para o povo de Pernambuco em relação a cultura, [...] precisamos divulgar Zé Marcolino, precisamos mostrar que Sumé têm uma cultura riquíssima e que Zé Marcolino faz parte dessa cultura.

Na concepção de Paulo Luna (2008),⁷ no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, o Brasil conheceu uma nova onda do forró, com o aparecimento de inúmeros artistas, trios e grupos dedicados ao estilo consagrado por Luiz Gonzaga, desde os mais tradicionais, cultivadores do chamado “forró pé-de-serra”, até os renovadores do “forró eletrificado” e os grupos do chamado “forró universitário”, todos foram unânimes em eleger “sala de reboco” como uma das mais representativas composições do forró, o que a fez ser regravada por vários artistas e mesmo a dar nome a projetos de apresentação do forró e da música nordestina.

Dimas Marcolino Alves, que reside na cidade de Sumé, no Bairro de Várzea Redonda, é sobrinho de Zé Marcolino e irmão de criação. Concedeu-me uma entrevista falando um pouco de sua infância junto com o poeta:

[...] Eu sou filho de outro José Marcolino, que era o mais velho [...] eram dois Zé Marcolino o meu pai que era o mais velho e Zé Marcolino novo que é o caçula, eram irmãos, [...] minha mãe morreu ai meu pai trouxe a gente pra casa do meu avô Pedro Marcolino ai então eu fui criado mais Zé Marcolino, né! Nós viemos, eram quatro irmãos ai nós viemos para casa do meu avô, ai depois com um ano meu pai casou, ai eu fiquei morando com meu avô, mais Zé Marcolino, a gente brincando, é tomando banho naquelas beira de rio, matando passarinho de baleeira, então minha infância foi todinha mais Zé Marcolino, a gente brincando né! Porque naquele tempo os meninos do sitio brincavam muito, a gente ia para os pés de umbu, quixaba, ai Zé Marcolino foi crescendo e eu também fui pra casa do meu pai, mais não me dei bem com minha madrasta, ai fiquei lá e cá né! Ai Zé Marcolino começou a bater pandeiro, ele era muito fã de Luiz Gonzaga, começou a bater pandeiro, e cantar né! Cantava as músicas de Luiz Gonzaga, ele foi baterista de Pedro Viana, foi baterista de Pedro Bentin, foi baterista de Antônio [...] lá de São Vicente ai Zé Marcolino começou na música, mais eu não sabia que ele tinha uma veia poeta, eu não sabia! Às vezes ele fazia umas músicas mais eu não acreditava nera? fazia àquelas músicas a gente brincando [...] mais ai depois foi quando eu fui entender que ele era poeta mesmo, ele era muito fã de Luiz Gonzaga ai ele começou né! Fazer música para Luiz Gonzaga como ele fez, é: o *pássaro carão*, fez é *cacimba nova* [...] *marimbondo e sala de reboco*, fez *matuto aperreado*, *Nicodemos*, *o vem- vem*, fez muitas músicas *cintura de abelha* que quem gravou foi o Trio Nordestino, foi, então, Zé Marcolino fez muitas músicas. [...] era um cara muito sabido Zé Marcolino, um

7 Autor do texto Zé Marcolino – Poeta de Sumé. Pesquisador, professor, historiador, poeta. Licenciado em História em 1987, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ,

cara que nasceu no sitio, na roça, mais ele era muito sabido Zé Marcolino. Ele vivia de fazer música e mandar para Luiz Gonzaga, mais antes era a roça, [...] trabalhava de marceneiro [...] cantava repente mais os violeiros, embolada, cantava também, naquele tempo a música era escrita não era gravada ai ele vinha para seu Antonio Josué que era maestro escrever as cartas, ele não entendia bem de música ainda não é? Ai seu Antonio Josué era quem escrevia e ele mandava para Luiz Gonzaga ai foi indo, depois tem a historia dele, que ele se encontra com Luiz Gonzaga e como Luiz Gonzaga era um grande compositor só fazia as músicas no tom que Luiz Gonzaga gravava essas coisas assim, ai disse eu passo aqui e lhe levo para o Rio de Janeiro. Ai eu negociava também era trocador de cavalo, comprava bicho e ele também negociava ai eu comprei um garrote a ele [...] Por dois contos de réis é um negócio assim, ai chegou a noticia Luiz Gonzaga passou e levou Zé Marcolino naquele tempo era um sacrifício para a gente sobreviver, ai eu disse eita agora Zé Marcolino vai ficar pra lá e eu não vou pagar esse garrote, quando dei fé tive até uma surpresa, com dois anos Zé Marcolino chegou [...] lá em casa ai disse Dimas eu vim aqui se tu puder me pagar o garrote, tu paga e se tu não puder ai eu tinha uma égua muito famosa, ai eu disse Zé o que eu tenho para te pagar é aquela égua vamos lá olhar. Chegamos lá olhamos para égua ai ele disse eu vou levar, [...] quando foi com um bocado de dia ele disse, Dimas aquilo foi um negócio sagrado que foi melhor receber agora do que ter recebido antes, aquilo ali me serviu tanto, na precisão que eu tava. A ida dele para o Rio não trouxe muito lucro, ele ficou lá dois anos, a família dele passava dificuldade [...] compositor não é como o artista, naquela época o compositor até que tinha uma fama porque os locutores falavam no nome do compositor, hoje ninguém fala mais, acabou-se, hoje nem interessa.

O entrevistado José Medeiros Batista, da cidade de Sumé faz algumas considerações sobre seu amor como fã de Zé Marcolino:

Surgiu a partir do momento que eu comecei a ouvir as composições de Zé Marcolino, as deliciosas composições de Zé Marcolino falando do nosso Cariri, falando do nosso Nordeste, falando do nosso povo, e daí eu sou assim apaixonado pela região Nordeste e mais especialmente apaixonado pela região do Cariri e também quando algum poeta da envergadura de Zé Marcolino fala sobre o nosso Cariri a gente sente realmente que vem lá de dentro do coração, e daí eu comecei a me apaixonar também pelas suas composições por sentir que ele fazia as composições apaixonadamente pelo Nordeste e pelo Cariri.

Em entrevista concedida para realização deste trabalho, o poeta sumeense, Luizinho Batista, relata que conheceu Zé Marcolino em 1961 quando ele foi para o Rio de Janeiro com Luiz Gonzaga. O narrador afirma que:

Zé Marcolino era um poeta, ele jáse interessava pela música, primeiro ele se interessou pelo repente, ao som da viola, pois sempre quis ser cantador de viola, mas não sei qual o motivoque desistiu e tornou-se apenas um compositor. [...] Tocava cavaquin, violão. Foi baterista é de Zé Rodrigues, Pedro Viana, de Júlio Preto, então ele sempre foi um cara da música, um cara que se interessava pela música, isso foi o que fez ele se tornar-se um compositor.

Os relatos de memórias acima mencionados lembram o poeta José Marcolino a partir de um variado repertório de imagens e lembranças diferenciadas. Alguns narradores preferem reclamar a ausência de valorização dos sumeenses pelo seu “filho mais ilustre”, mais reconhecido por Pernambuco do que pela Paraíba. Outras narrativas o lembram na sua inteligência musical e poética, grande tocador, compositor; ou ainda, na sua origem rural, camponesa, um homem pobre, simples, mas grande divulgador do Cariri e do Nordeste em suas composições. Seu irmão de criação, Dimas Marcolino, tece mais recordações, além das já mencionadas, pois fala de um lugar afetivo de convivência familiar dos tempos de infância. Isso é a memória, lembranças seletivas de um presente sobre um passado.

CAPÍTULO II

O SERTÃO QUE ZÉ MARCOLINO CANTOU...

Ai meu Deus quem me dera seguir novamente estrada que ladeia o Serrote Agudo e descamba para os lados da Cacimba Nova me levando de volta até Sumé. Por certo ouviria a Cantiga do vem vem, o aviso do Pássaro Carão e os cantos do Pássaro Caboré. Viria ainda a estripulia do Pássaro Fura Barreira. E a caminhada como Matuto Aperriado que sou Quero (ia) Rever o Nordeste dos meus Tempos de Criança.

(Daniel Duarte)

Os versos de Marcolino evocam a importância da terra nordestina para o autor que dá ênfase ao Sertão: seus costumes, suas crenças, a maneira do sertanejo olhar e entender a natureza, calcular a vinda da chuva, cheiro dessa terra molhada e o florescer da lavoura.

E é nessa intrincada relação homem-natureza que seus versos traduzem a alegria do viver. A poética de Zé Marcolino está impregnada por sua região, e é um testemunho importante de seu tempo e modo de ver o Sertão nordestino. São as festas de São João, são causos de vaqueiros, são crenças, são esperanças. Seus versos têm a força da terra e do homem e exaltam a relação que se estabelece entre eles.

A maioria das músicas que será analisada nesse trabalho, aparece no contexto da década de 1960 quando Zé Marcolino vai para o Rio de Janeiro, momento em que as representações de um viver urbano e carioca eram valorizadas. Em 1962, é realizada a Copa do Mundo no Chile e o Brasil torna-se bicampeão mundial; um fato importante na política acontece em 21 de abril de 1960, a capital do Brasil é transferida do Rio de Janeiro para Brasília. Para Pereira (2000, p. 15):

A Bossa Nova provocou mudanças na música popular brasileira e nos imaginários sociais, uma vez que mostrava em si pistas de um país que começa a ter visibilidade internacional, com o futebol campeão, a “batida diferente”, a capital projetada e, principalmente, insinuava um país tranquilo, tropical onde tudo é contemplação, paz e felicidade.

Desse modo, há um diálogo entre a Bossa Nova e as relações sociais, mostrando sua visibilidade no contexto internacional, apresentava a imagem de um país tranquilo, de paz e

felicidade, da cidade de que cresce e se moderniza, da garota que desfila na Praia de Ipanema. Embora a MPB vá se encaminhando na linha política da resistência e da crítica ao Regime Militar instalado em 1964.

O Nordeste e o Brasil dos anos 1960 são palcos de lutas políticas, os movimentos sociais das camadas populares refletiam na cultura, a exemplo do Cinema Novo e o meio rural ganhando força com as Ligas Camponesas, momento no qual as composições de Zé Marcolino e Luiz Gonzaga estarão fortemente marcadas pela valorização do sertão.

Passemos, então, as representações de Sertão nas composições de Zé Marcolino. Começemos com *Matuto aperriado*:

- **Matuto Aperriado-baião (Zé Marcolino/Luiz Gonzaga-1962)**

Eu vou, vou volto já
Eu vou me embora
Vou voltar pro meu lugar }bis

A procura de aventura
Eu vim praqui
Só pensando minha vida melhorar
Ao contrário, aqui só vejo a piora
Por motivo de eu não me acostumar
Com coisinhas que não tem na minha terra
E aqui vejo toda hora sem parar }bis

Fico doido com tanta fala de gente
E a zuada de automóvel a me assustar
Se na rua vou fazer um cruzamento
Tenho medo, eu num posso atravessar
Desse jeito, eu sou franco em dizer
Mas um dia eu aqui não posso mais ficar } bis

Lá deixei o meu cavalo, minha sela
Minha rede que comprei no Quixadá
Que eu armava na latada do terreiro
Pra Zefinha, meu amor, me balançar
Sou caboclo que nasceu lá no sertão
Tenho orgulho em dizer que sou de lá}bis

Logo que chega ao Rio de Janeiro, faz essa composição junto com Luiz Gonzaga. Menciona a sua vontade de voltar para o seu lugar e que só foi ao Rio de Janeiro à procura de melhorias para a sua vida, mas que, ao contrário do que pensava, só se tornou pior, pois, os costumes daquela cidade eram diferentes, o barulho e o movimento de pessoas e de carro o incomodavam.

Sentia falta do que havia deixado no Sertão, saudade dos seus familiares, sua esposa Zefinha, como cita na última estrofe da letra: “*lá deixei o meu cavalo, minha sela, minha rede*

que comprei no Quixadá, que eu armava na latada do terreiro pra Zefinha, meu amor, me balançar”. A região Nordeste é para Albuquerque Jr. (2006, p 183) “construído [...] como um lugar do sonho”.

Marcolino tinha orgulho de poder dizer que fazia parte de sua terra, do seu Sertão nordestino. A própria linguagem musical é construída a partir de elementos linguísticos do cotidiano sertanejo onde morava, como: *zuada, praqui, sela, Zefinha, latada, terreiro*, alcançam um campo semântico que aponta para sua região. Outro fato interessante é que Zé Marcolino, antes de tudo, era poeta e buscava nos aspectos estruturais da cantoria de viola, seu estilo de escrever. Por exemplo: fazia uso de versos regulares em onze sílabas e rimas cruzadas e pareadas como mostrado a seguir:

Fico doido com tanta fala de gente
E a zuada de automóvel a me assustar
Se na rua vou fazer um cruzamento
Tenho medo, eu num posso atravessar
Desse jeito, eu sou franco em dizer
Mas um dia eu aqui não posso mais ficar

Cada linha da música se constitui dos versos hendecassílabos. Ou seja, com onze sílabas poéticas cada. Como se mostra: *Fi/co dói/do/ com/ tan/ta/ fa/la/ de/ gen/te*, contando-se até a última sílaba tônica. O segundo verso rima com o quarto e com o sexto... Rimas cruzadas.

Matuto aperriado testemunha a manifestação dos seus sentimentos e suas ideias, ajuda a identificar frequentemente seu valor sentimental pelo lugar e seus objetos deixados no Sertão, sua vida cotidiana, explicitando uma vida feliz que levava antes de chegar ao Rio de Janeiro. Assim, é o Sudeste que aparece como problema e não o Nordeste. O seu *Outro* regional era visto pelo prisma urbanocêntrico, de cidades que se industrializavam carreadas pelo Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek, plano que também focava na indústria automobilística e que certamente assustara o poeta de Sumé quando esteve no Rio de Janeiro. Zé Marcolino mostra a falta que sentia do seu lugar, não apreciava a *zuada de automóvel* e o ritmo frenético da cidade, preferia o campo, o Sertão era mais sossegado no qual havia deixado seu cavalo e sua cela e o tempo da natureza.

O ritmo presente na canção é o baião, gênero que se tornou popular na década de 1940, nas músicas do Nordeste. Para Albuquerque Jr (2006, p. 155):

O baião, que era dedilhado da viola ou da marcação rítmica [...] feita pelos cantadores de desafio entre um verso e outro, também conhecido como baiano vai ser fundido com os elementos do samba carioca e de outros ritmos urbanos.

Com todos esses elementos presentes nessa canção, desde o ritmo até as expressões locais na letra, Marcolino afirma o amor do cantor/compositor que divulgou do Sertão ao Litoral brasileiro seu amor por sua região, ele minimiza, consideravelmente, a dor e angústia da “seca” nessa região como outros artistas chegaram a fazer. Ele engrandece o lugar onde nasceu e a saudade de tudo que deixou em sua terra, ele afirma sua identidade local como sendo um “caboclo” que nasceu e pertence o “Sertão”.

Falando da cidade que Zé Marcolino nasceu e da saudade do Sertão, Luizinho Batista cita essa música *Matuto aperrido*, em sua entrevista:

Zé Marcolino sempre gostou muito da terra que o viu nascer, ele era um apaixonado por Sumé, pela Prata, Monteiro, pelo Pajéu, então isso foi o que o fez voltar do Rio de Janeiro, como ele bem dizia que não aguentava lá, até na música dele aquela que *dizeu vou, vou volto já*, aquela música bem bonita que ele fez no Rio de Janeiro, e essa é uma das coisas; as amizades dele aqui do Nordeste, a cultura popular que não o deixava que ele se ausentar por muito tempo daqui, tinha muito amor pelo Sertão devido aqui ser a terra do repentista, o baião ser a música Nordestina e por ser muito querido e ter muitos amigos aqui na região. Zé Marcolino era um excelente amigo, uma pessoa boa, de quem ele gostava ele agradava no máximo.

• Sertão de aço-baião (José Marcolino/Luiz Gonzaga-1962)

Lá lálá rá rá
 Se você visse
 Como é o meu sertão
 Aí você diria
 Que eu falo com razão

Lavoura lá
 Dá só com o cheiro de chuva
 Tem resistência
 O milho e o feijão
 Com uma chuva
 Em cada mês
 A coisa aumenta
 Que a lavoura lá aguenta
 Trinta dias de verão
 Trá lá lálá ai...

Tem ano lá
 Que o inverno é variado
 Lucro e remessa
 Num canto e outro não
 O sertanejo ainda num desespera

Com coragem ainda espera
 Pela safra de algodão
 Havendo safra
 Nem é bom falar
 Meu Deus do céu
 E com tanto samba que há

O sertanejo
 Esquece logo o tempo ruim
 Finca o pé na dança
 Sem sentir cansaço
 No outro dia
 Cuida da obrigação
 Digo por esta razão
 Que meu sertão é de aço

Nessa composição, Marcolino nos mostra a resistência da terra e da gente sertaneja, como se estivesse apresentando sua terra para as pessoas que não a conhece: “*se você visse como é o meu sertão/ ai você diria que eu falo com razão*”; em seguida, vai apresentando, ao longo da letra esses aspectos, de resistência e bravura. A terra é tão boa, que depende de pouca chuva; a lavoura é tão resistente quanto a terra e os homens e mulheres do Sertão.

Está presente, em sua composição, uma figura de linguagem, a metáfora, colocada em seu próprio título, *Sertão de aço*, se referindo a um sertão forte, corajoso e resistente. E, conforme já mencionado com a composição anterior, diferente de outros artistas que mostravam o Brasil com o Nordeste e o Sertão como a parte considerada “negativa” do país, Zé Marcolino enalteceu em suas músicas os valores regionais. Em uma obra retratando o preconceito contra o nordestino, Albuquerque Jr. (2007, p. 89) afirma que:

No Brasil, o preconceito por origem geográfica marca, especialmente, os nordestinos. Este preconceito se expressa, por exemplo, através dos estereótipos do “baiano” e do “paraíba”, denominações que são usadas genericamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, para se referirem aos migrantes vindos da região Nordeste.

Contra o estereótipo de que o nordestino (às vezes, confundidos com a imagem do Sertão seco), seria apenas vítima da seca e da pobreza, Zé Marcolino diz que o *sertanejo esquece logo o tempo ruim*, defende que o sertanejo é forte, corajoso, que luta e trabalha muito para conseguir seu alimento. A representação do sertanejo na música *Sertão de aço* constrói a imagem de um povo festivo, que comemora a chuva e a safra, que põe o pé no samba.

José Medeiros nos fala do significado do termo samba que Zé Marcolino traz nessa composição:

Eu escuto muito mamãe falar que ela não ia para forró ela ia para o samba, e depois eu entendo que o samba que eles falavam é porque existe aquele ritmo nordestino chamado *samba de matuto* que Santana muito bem trata em uma de suas composições né, *samba de matuto* que é aquele ritmo mais batido, onde há um balançado maior do corpo, e das pancadas no som, então esse samba de matuto eu entendo que é esse ai, essa pancada gostosa [...] é um ritmo assim mais machucado, gostoso demais de dançar.

Dimas Marcolino também fala sobre o assunto no seguinte relato:

Antigamente o forró era o samba, eu me lembro que eu era menino quando meu pai dizia: eu vou pro samba [...] ai veio o baião, Luiz Gonzaga, Zé Marcolino começou no samba e depois ele ingressou no baião, e depois do baião veio o forró, [...] mais era um samba mesmo, aquele samba que chamam hoje da jovem guarda, que era um samba do passado, o samba de hoje é diferente, é um samba de pagode, samba de prega, é diferente [...] ai depois do baião veio o forró.

Há que se destacar, ainda, em *Sertão de aço*, a valorização do ciclo do algodão: *o sertanejo ainda não desespera/com coragem ainda espera/o ciclo do algodão*. No tempo das composições em análise (1962), o algodão era um dos principais produtos de exportação brasileira e o Sertão nordestino um dos maiores produtores do mundo. Zé Marcolino deve ter visto e participado desse cotidiano, do bizaco, da cata, do paiol, das bolandeiras, das feiras de algodão na região.

A cultura algodoeira está presente no Nordeste desde século XVIII. Medeiros (1999, p. 63-64) mostra que: “Em 1786, o governo da Paraíba estava preocupado com [...] paixão e única ambição porque [...] essa cultura representava uma ameaça para a mandioca, o pão do povo pobre e para a cana de açúcar”. A expansão do algodão representa uma evolução para a economia da região. Em 1930 a cidade de Campina Grande aparecia como um grande pólo por conta dessa cultura, sofrendo redução brusca nos anos vindouros por conta de uma praga a do inseto conhecido como bicudo e as lavouras foram praticamente dizimadas pelo bicudo.

A produção algodoeira que, desde os anos de 1940, já vinha apresentando um declínio gradativo, resultante da queda de preços e da perda de mercados externos, no início da década de 1980 sofreu uma redução drástica no seu plantio em virtude da “invasão” do bicudo. (MEDEIROS, 1999, p. 89-90)

Por volta de 1950, o ciclo do algodão se fez presente em 70% do território paraibano, década do governo de Vargas e momento do qual o Brasil deixa de ser um país apenas agroexportador para se tornar também industrializado.

O ciclo do algodão aparece como complementar a agricultura de subsistência, ambas convivendo em harmonia na visão do poeta em estudo. Quando uma faltava, a outra podia compensar. Nessa composição também não enfatiza a imagem do Sertão seco, apenas fala que tem ano que se tem lucros em alguns lugares e outro não, esse seria o *inverno variado* que cita na letra.

Quando se fala em Zé Marcolino, essa sua composição é lembrada por muitos, já que também foi sucesso no repertório de Luiz Gonzaga. Ambos participam da construção de significados para a Região Nordeste. Em *A invenção do Nordeste e outras artes*, o autor Albuquerque Jr., mostra que várias teias discursivas inventaram o Nordeste. Entre os diálogos ele mostra a “seca” na concepção que Gonzaga trazia em suas composições:

A seca surge no discurso de Gonzaga como o único grande problema do espaço nordestino. Para chamar atenção para esse fato, ele compõe em 1950, com Humberto Teixeira, *Asa Branca*. [...] Durante a seca de 1953, compõe com Zé Dantas Vozes da seca, na qual cobra proteção e providência por parte do Estado, sugerindo inclusive soluções a serem dadas para o problema, agenciando claramente enunciados e imagens do já quase secular discurso da seca (ALBUQUERQUE, 2011, p. 157-158)

Outros discursos vão surgindo e novos estereótipos vão sendo produzidos:

Até nas músicas de Luiz Gonzaga esta consciência do caráter dilacerador do tempo, essa visão moderna da temporalidade, cede lugar, várias vezes, a uma visão cíclica, que advém da própria imagem da região está muito próxima da natureza. Um Nordeste onde o tempo descreve um círculo entre a seca e o inverno. Tempo do qual participam não só o homem, mas os animais, as plantas até os minerais. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 83)

Pensar com esse referencial teórico para analisar a representação de Sertão nas músicas de Zé Marcolino requer atentarmos para alguns pontos. Seguindo de perto a obra de Durval Muniz e o material empírico que consultei sobre o poeta Marcolino, penso que ele não se encaixa, como Luiz Gonzaga, na representação do Nordeste e Sertão pelo imaginário secular construído pelas elites como a “região da seca”. Marcolino não deixou de se referir a alguns momentos difíceis do mundo sertanejo, mas sequer usou o termo “seca”. Ele cantou mais o Sertão festivo, farto, harmonioso, divertido. Contudo, canta fazendo referência a “visão cíclica” e ao “tempo da natureza” do qual nos fala Durval Muniz em citação anterior.

• **Pássaro Carão, baião (José Marcolino/Luiz Gonzaga) (1962)**

Pássaro Carão cantou
 Anum chorou também
 A chuva vem cair
 No meu sertão
 Vi um sinar, meu bem
 Que me animou também
 Ainda ontem vi
 Póvora no chão } bis

É bom inverno que vem
 É chuva cedo que tem
 O nosso plano de além
 É de casa

Se Deus quiser
 Agora faço um ranchinho
 Pránóis juntinho, meu bem
 Nele morar

Nessa composição, *Pássaro Carão*, também retrata a vontade que haja inverno no Sertão. Quando o pássaro ecoa, seu canto anunciando a chuva, esperança perene do sertanejo de que a terra amada possa, enfim, florescer na plenitude de suas promessas.

Seu sobrinho, Dimas Marcolino, nos fala sobre a inspiração de Zé Marcolino na hora de fazer essa composição:

Pássaro carão é um pássaro que têm na beira d'água [...] e ele de madrugada na época do inverno ele canta, tem aquele canto muito bonito, muito penoso, né? Aí ele tava dormindo, aí se acordou de madrugada e perto da casa dele tinha uma lagoa e o carão começou a cantar, então daquilo ele se inspirou né? Que o poeta sempre, é como diz o ditado "poeta sente por quem estar vivo muito mais por quem morreu".

Nessa composição ele aborda signos da cultura popular sertaneja: a crenças nas experiências dos populares. O pássaro cantando é sinal de inverno cedo. Assim, essas e outras crenças estiveram presentes no imaginário dos sertanejos num diálogo com o tempo da natureza focado no senso comum e não no conhecimento científico, não obstante, este ter excluído e marginalizado àquele durante a Modernidade.

- **Serrote Agudo-toada baião (José Marcolino/Luiz Gonzaga) (1962)**

Passando em Serrote Agudo
Em viagem incontínente
Vendo a sua solidão
Saí pesando na mente

Eu vou fazer um estudo
Prá contar a miúdo
Quem já foi Serrote Agudo
Quem está sendo no presente

Já foi um reino encantado
Foi berço considerado
Quem conheceu seu passado
Acha muito diferente

Aonde o touro em manada
Berrava cavando o chão
Fazendo revolução
Nos tempos época de trovoadas

Dando berros enraivado
Por achar-se enciumado
Do seu rebanho afastado
Vacas que lhe pertenciam

A sombra do Juazeiro
Já lhe esperando o vaqueiro
Com seu cachorro trigueiro
Como seu grande vigia

Vaqueiros e moradores
Encantos, belezas mil
Onde reinavam os fugores
De um major forte e viril

Rijo, porém animado
Fazia festa de gado
Onde o vaqueiro afamado
Campeava todo dia

Hoje sem Major sem nada
Só se ver porta fechada
Não se vê mais vaquejada
Não reina mais alegria

A fazenda *Serrote Agudo* fica no município de Sumé, próximo a Amparo. Segundo Dimas Marcolino,

Serrote Agudo foi uma fazenda de muitos moradores, muito gado, de tudo tinha muito, descarçava algodão, ai foi se acabando, se acabando, ai foi quando Zé

Marcolino se inspirou, e ele conhecia ai, se inspirou naquilo, no passado [...].O poeta retrata o passado brilhante de muita fartura e prosperidade que ele via no local.

Cita as características presentes no meio rural do Sertão, como festas de apartação e vaquejadas, onde o vaqueiro com seu cachorro fiel companheiro que lhe auxiliava nessas apartações dos animais deixando o touro furioso por ser afastado do rebanho.

Segundo o relato do poeta Luizinho Batista, “esse Major que ele se refere na composição é o Major Alfredo Mayer” e, possivelmente, por ter pulso forte, uma boa administração, proporcionava melhores condições, segurança e diversão aos moradores da região, fazendo festas de gado como: vaquejadas e pega de boi. E até mesmo a natureza também se manifestava para tamanha riqueza, com tempos bons de inverno como cita na letra era “*época de trovoada*”.

IMAGEM VIII-FAZENDA SERROTE AGUDO ATUALMENTE



Fonte: aguasdopajeu.blogspot.com

Luizinho Batista cita também que “na época da composição o major havia vendido a fazenda a Paulo Guerra, Senador e Governador de Pernambuco e, com isso, houve uma

decadência nesse lugar”. Hoje, nessa fazenda, encontra-se o assentamento que se divide em quatro agrovilas⁸.

• Pedido a São João-baião, baião (José Marcolino-1963)

Se Deus quiser vou me embora pro sertão
 Pois a saudade me aconselha o coração
 Manda que eu vá convidar Dona Chiquinha
 para ser minha madrinha na Fogueira de São João

 Chegando lá desabafo minha mágoa
 Encho uma garrafa d'água depois enterro no chão
 Peço a São João que apele pro Soberano
 Pra saber se para o ano chove cedo em meu torrão

Um signo do imaginário social está fortemente marcado nessa letra, se trata do dia de São João que é comemorado em 24 de junho e nesse dia são realizadas muitas festas e comemorações, cheias de danças, principalmente na Região Nordeste. Alguns símbolos muito conhecidos nas celebrações e festejos são a fogueira, os fogos, a capelinha, a palha, comidas típicas e outros.

A saudade e a vontade de voltar para o sertão são constantes em suas músicas a saudade da terra, unindo as tradições e crenças, fazendo experiência para saber se no ano vindouro choveria bem na região, deixa explícito isso na última estrofe: *“peço a São João que apele pro soberano/prá saber se para o ano chove cedo em meu torrão”*.

Essa estrofe *“encho uma garrafa d'água depois enterro no chão”* faz referência a uma experiência da cultura popular, as finalidades para os pedidos são diversas, nesse caso o pedido do compositor é para que no ano vindouro o inverno seja melhor em sua terra.

Nessa letra cita que vai chamar dona Chiquinha para ser sua madrinha. Para o entrevistado, Luizinho Batista, “Dona Chiquinha era a mãe do poeta Zé Marcolino, eu acredito que essa homenagem ele prestou a ela, a mãe, o poeta não faz nada para si faz para o mundo”.

Ainda no Rio de Janeiro, Zé Marcolino acha que “afogar as mágoas” é voltar ao “seu Sertão”, um Sertão de festa, da tradicional madrinha de fogueira. Ele não canta a “seca”

⁸ Sobre esse projeto de Assentamento, consultar a Dissertação de Mestrado em Educação intitulada A Organização dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do campo: do acampamento ao assentamento: quais os desafios para a Educação popular, de autoria de Ernandes de Queiroz Pereira.

explicitamente, mas fica anunciado o tema e sempre imaginado como algo “natural”- “sobrenatural”, ele usa um ritual do saber popular para saber se vai chover.

- **Caboclo Nordestino-baião (José Marcolino-1963)**

Caboclo humilde, roceiro
 Disposto, trabalhador
 No remexer da sanfona
 Escuta este cantador
 Que no baião fala ao mundo } bis
 Teu grandioso valor

E do caboclo que vive
 Com a enxada na mão
 Trabalhando o dia inteiro
 Com a maior diversão
 Sem invejar a ninguém
 Satisfeito a trabalhar
 Cada vez mais animado
 Esse teu suor pingado
 Grandeza e honra te dar

Na tua humilde palhoça
 Só se ver felicidade
 E quando chegas da roça
 Te sentas mesmo à vontade
 Pra comer teu prato feito
 Na mesa ou mesmo no chão
 A filharada em rebanho
 O teu prazer é tamanho
 De quem possui um milhão

Aqui nesta vida humana
 Ninguém é melhor que tu
 Escuta esta homenagem
 De um cabra do Pajeú
 E outro do Rio Brígida } bis
 Dos carrascais do Exu

A música retrata o *Caboclo Nordestino*, o caboclo pode ser sinônimo de “caipira, roceiro e sertanejo” e foi assim que o compositor descreveu o sertanejo “*caboclo humilde, roceiro/ disposto, trabalhador*”, pois através da música e do ritmo baião está mostrando o grandioso valor que tem esse caboclo de *enxada na mão* que é o agricultor.

As suas letras refletem no universo sociocultural do sertanejo que trabalha pesado, mas que vive feliz “*aqui nesta vida humana ninguém é melhor que tu*” tendo a consciência de classe, sabe que é pobre, mas feliz e trabalhador. Declama a ideologia do trabalho forjada durante a Era Vargas (1930-1945), de um trabalhador digno e honrado diferente do trabalhador que organiza a luta de classes ou que vive no ócio e na “malandragem”, “vagabundagem”. Também mostra a figura da família tradicional e o estilo de moradia dessa

classe social (o caboclo=agricultor) quando cita: “*humilde palhoça*” refere-se a casa, à sua moradia, “*filharada em rebanho*” mostrando que na casa que tem uma família grande, com muitos filhos e que a felicidade é igual a outra pessoa que tenha condições financeiras melhores “*o teu prazer é tamanho de quem possui um milhão*”. Nessa composição aparece nitidamente a identidade de classe social. Marcolino se identifica como um poeta que, pelo baião, “fala ao mundo”, quem é esse “caboclo” e seus adjetivos: “humilde”, “roceiro”, “disposto”, “trabalhador”, “animado”, “honrado pelo seu suor do rosto”. Mas esse “caboclo” mora em uma “palhoça”, come “na mesa ou no chão”, enquanto do outro lado tem outra classe social, a “que possui um milhão”, mas que, para Marcolino, não é melhor do que a que possui um tostão. O caboclo é feliz pelo seu trabalhado “suado”. Assim, se ele faz notar a diferença de classe social no campo, não a mostra pelo ângulo da exploração social. Seu lugar social, talvez, fosse fundamental para cantar e narrar essa imagem feliz para o agricultor do Cariri.

Essa composição já foi feita quando Zé Marcolino estava voltando do Rio de Janeiro, e ele assumia também a identidade de *cabra do Pajéu*⁹, do Pernambuco, ao passo que Luiz Gonzaga era *dos carrascais do Exu-PE* onde começa o *Rio Brígida* que desemboca no São Francisco.

• Numa Sala De Reboco-xote (José Marcolino/Luiz Gonzaga-1964)

Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco
Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco

Enquanto o fole tá fungando tá gemendo
Vou dançando e vou dizendo meu sofrer pra ela só
E ninguém nota que eu estou lhe conversando
E nosso amor vai aumentando
Pra que coisa mais melhor?

Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco
Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco

Só fico triste quando o dia amanhece
Ai, meu Deus se eu pudesse acabar a separação
Pra nós viver igualado a sanguessuga
E nosso amor pede mais fuga do que essa que nos dão

⁹ Nas entrevistas concedidas aparecem relatos que o Pernambuco daria mais valor a José Marcolino que a própria região em que nasceu, porém, nessa canção o próprio autor assume a identidade de Pernambucano e não cita sua cidade de origem.

Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco
 Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco

Essa música é uma das mais conhecidas páginas do repertório do mestre Gonzagão. Saiu pela *RCA Victor*, em fins de 1964, no álbum do disco *A triste partida*, de Luiz Gonzaga, está presente aquele que ficaria sendo o maior sucesso de Zé Marcolino, o xote *Sala de reboco*.

O xote é um ritmo musical muito conhecido na Região Nordeste e fazia parte das composições do poeta Marcolino, é um ritmo mais lento, para se dançar a dois, segundo Dayseane (2011) “O xote é uma cadência musical que tem como ancestral uma dança de salão portuguesa. Este ritmo nasce, porém, na Alemanha, originalmente intitulado Schottisch”

Zé Marcolino utiliza muitas nomenclaturas da região em todas as músicas aqui analisadas como: *fole*, *igualado*, *benzinho*, esse ritmo dançante fazendo referência a uma dama que a chama de *benzinho* e que com ela quer passar muito tempo juntos.

Em sua página *overmundo*, Abílio Neto (2012) cita um trecho de uma entrevista que fizera com Zé Marcolino sobre o significado da letra dessa música:

O que me levou a compor 'Numa Sala de Reboco', por exemplo, foi o seguinte: no sítio, no dia em que a casa é rebocada, sempre há uma festa. O pai da moça, por mais severo que ele seja mesmo não permitindo o rapaz pegar na mão de sua filha, não fará objeção que eles dancem o forró, permitindo, assim, uma aproximação maior.

Com isso, se percebe que nessa época a dama não podia deixar de dançar com o cavalheiro, seria uma falta de respeito e nada melhor que aproveitar o momento que as casas eram rebocadas, pois depois teria uma festa para comemorar a sala rebocada. A festa e o namoro em um espaço privado: a sala da casa. O samba na sala fazia parte da cultura da região: o trio tocando no pé da parede, os “cavalheiros” chamando as “damas” para dançarem e o mestre sala cobrando uma “cota” para pagar os tocadores.

Marcolino canta a festa sertaneja misturada ao trabalho. Festas Juninas para agradecer a colheita, festa na “queima da caieira” dos tijolos para fazer a casa, festa quando debulha o milho e feijão, festa quando reboca a casa.

José Medeiros comenta sobre a homenagem que fez a Zé Marcolino utilizando o título dessa música no seu grupo de dança¹⁰:

A partir dessa paixão né? Zé Marcolino, a partir dessa admiração pelas composições de Zé Marcolino e uma coisa que falava bem do nosso Cariri, fala bem do nosso Nordeste, é a cara do Nordeste *sala de reboco* [...] e nós conversando quando a gente foi fundar o grupo eu conversando com o amigo Djalma que hoje trabalha no Banco do Brasil e nós questionando qual seria o nome que nós colocaríamos no grupo, uma coisa que fosse bem nossa, não queria coisa inventada lá de longe, uma coisa bem nossa, e aí surgiram algumas, até nomes de música e tudo mais e nome de compositores de pessoas e aí quando a gente começou cantar dança é numa sala, dança é num salão, e aí *sala de reboco* foi numa sala de reboco que apareceu a ideia e quando bateu essa ideia a gente disse não tem outro nome o nome é esse mesmo, no ano de 1988 a primeira apresentação do grupo foi [...], ou melhor, o primeiro ensaio do grupo foi em 09 de abril de 1988 e a primeira apresentação foi dia 07 de junho de 1988 aqui na Praça José Américo ao lado dos Correios nós fizemos a nossa primeira apresentação com *sala de reboco* [...]

Sua forma de usar o aboio, toada e o repente ao som da sanfona em suas canções mostram seu orgulho de ser sertanejo e utilizar as características do lugar. Acredito que queria mostrar o cenário do Nordeste não tanto pelo lado da miséria e sofrimento, mas sim, buscava enaltecer o seu lugar e mostrar suas potencialidades, de um povo humilde, porém trabalhador. Como descreve Albuquerque Jr. (2011, p. 169), segundo Ariano Suassuna:

[...] quer, em sua obra, representar este lado belo do sertão que havia sido negligenciado pela produção sociológica e literária anterior [...] para ele, não se trata de virar pelo avesso a configuração imagética discursiva do Nordeste [...] mas também não negar completamente as imagens de miséria e injustiça que povoam o sertão.

Em 1964, destacou, na maioria de suas canções, os valores de seu lugar e sua subjetividade, num clima de apreciação poética já que nessa época outros ritmos musicais estavam em alta ele mostrou em meio a esse contexto a cultura presente no Sertão.

Apresenta metáfora nessa letra quando retrata as ações do fole como um instrumento ser vivo: “*enquanto o fole tá fungando tá gemendo*”.

Deve-se ressaltar que a ideia da representação do sertão, na maioria das canções analisadas tem uma construção da saudade do seu lugar e das belezas da sua terra.

Ana Célia relata mais sobre Zé Marcolino:

¹⁰ Grupo de dança da cidade de Sumé PB que têm o nome sala de reboco em homenagem a Marcolino. Foi criado pelo professor Duda Medeiros em 1988 que o mantém até hoje.

Na pesquisa que a gente fez o foco maior foi obra dele né! O que ele fez, porque na verdade muitas músicas dele são conhecidas porque Luiz Gonzaga canta e se atribui só a Luiz Gonzaga quando na verdade o mérito não é só de Luiz Gonzaga é de Zé Marcolino, por exemplo, *Sala de reboco*, o povo fala a *Sala de reboco* de Luiz Gonzaga, *Sala de reboco* não é de Luiz Gonzaga, [...] é uma composição de Zé Marcolino, assim como *Serrote agudo*, assim como *quero chá* que todo mundo acha a não, é de Luiz Gonzaga, não! É mérito de Zé Marcolino, claro é aquela questão, Zé Marcolino fazia a composição e Luiz Gonzaga cantava mais é uma das coisas que eu particularmente não concordo se dá mais valor ao cantor do que ao compositor quando na verdade têm que se dá mérito aos dois, pois não adianta você só por a voz, não adianta só você compor é o conjunto, arte não se faz isoladamente é coletiva. [...]

Foi relatado que as composições de Zé Marcolino eram mais conhecidas na voz de Gonzaga. Relatou Ana Célia:

Quando eu comecei a pesquisar eu até tive uma certa dificuldade e aí eu fui me aprofundando, peguei um livro que eu tenho [...] aí agente focou nessa questão vida e obra dele, [...] a história dele é extraordinária, eu já era fã dele, depois de conhecer de perto, assim a trajetória dele, que na verdade ele começou, ele estudou muito pouco e sempre fez composições, tudo para ele era inspiração, uma das coisas que mais ele gostava é de retratar a natureza, se você for parar para observar *Serrote agudo*, *Sala de reboco*, são tudo questões que voltam para o homem do campo.

Questionei que mesmo no Rio de Janeiro ele falava muito em suas composições sobre o Sertão e Ana Célia diz:

Mesmo assim ele retrata o Nordeste, ele não foi muito de frequentar a escola até porque naquela época não se tinha a abertura que hoje a gente tem [...] hoje a abertura para as pessoas da zona rural de uma certa forma tá mais fácil que antigamente [...] uma das coisas que mais me chamou atenção é que a música o acompanhou desde da adolescência e antigamente para o pessoal que gostava de música, de arte era tido como vagabundo, que não tinha futuro, uma das coisas que até a esposa dele relatou é que pra as pessoas da época, principalmente para os pais dela achavam que ele não era um homem de futuro pra ela, pois um homem que só queria viver de música, viver com um pandeiro, pra onde ele ia era com um pandeiro, que futuro ele poderia ofertar? Então assim, a música já nasceu com Zé Marcolino, [...] tem uma das músicas dele que relata de lixo eu não sei se você conhece, é extraordinária, ele fala dos restos que a gente de uma certa forma descarta e que pessoas reutilizam e que desses restos pessoas sobrevivem é extraordinário o homem tinha uma sensibilidade pra retratar o ser humano. [...]

A respeito das suas composições aparecerem mais nas décadas de 60 e 80 ela diz que:

Tem muitas músicas dele que ainda não são conhecidas, mais ele tem um acervo bem grande, você sabe que ele só gravou um disco *Sala de reboco* ele mesmo cantando né? [...] Foi feito um CD *Pedra de amolar* só com composições dele, artistas cantando composições dele. [...] ele não gostava da voz dele por incrível que pareça.

IMAGEM IX- CD PEDRA E AMOLAR



Fonte: <http://www.forroemvinil.com/cd-ze-marcolino-pedra-de-amolar>

Os relatos na narradora Ana Célia nos aponta que o compositor de Sala de Reboco também foi alvo de preconceito por parte da família de sua esposa. Preconceito contra sua arte de compor e cantar, tida como “sem importância” para o homem sertanejo. Outra novidade para a época era a preocupação com a questão ambiental, algo que durante os anos 1960 começava a ser debatida em um contexto internacional.

- **Cacimba Nova, toada (José Marcolino) (1964)**

Fazenda Cacimba Nova
 Foi bonito o teu passado
 Inda estás dando a prova
 Pelo o que vejo ao teu lado
 Um curral grande, pendido
 Um carro velho, esquecido
 Pelo sol todo encardido
 Sozinho, sem paradeiro
 Falta de juntas de boi
 Que levantavam ao aboio
 Obedecendo ao carreiro

Resistente casarão
 Em ti as águas rolavam
 Onde os vaqueiros brincavam

Em corridas de mourão
 O touro velho berrando
 No tronco do pau fungando
 Os seus chifres amolando
 Com o maior desespero
 O heroísmo tamanho
 Em defesa do rebanho
 Fazendo medo a vaqueiro

Quem te vê sai suspirando
 Lamentando cada instante
 Vendo o tempo devorando
 O teu passado brilhante
 Mas rogo a Deus para um dia
 Reinar-te ainda alegria
 Paz, sossego e harmonia
 Voltando a felicidade
 Que um sentimental vaqueiro
 Passando no seu terreiro
 Solte um aboio de saudade
 E,e,e,o,e....
 E, boi....

Expõe o passado de uma fazenda e a decadência que ela se encontrava no tempo do documento musical (1964). Na página de *Afogados da Ingazeira ontem e hoje*, o escritor (FERREIRA, 2002) descreve que:

Zé Marcolino teve a sensibilidade de levar para a música a falência da atividade rural, motivada principalmente pelo êxodo dos trabalhadores rurais e do abandono das grandes propriedades pelos filhos dos antigos donos, “Fazenda Cacimba Nova” [...] espelha tais realidades.

Vemos que nessa toada, o compositor fala da saudade por uma fazenda, trazendo elementos que fazem lembrar-se desse lugar, e sua fé como mostra a estrofe a seguir: *Mas rogo a Deus para um dia/ reinar-te ainda alegria*, mesmo que pelo gesto de lembrança de um vaqueiro que solte um aboio. A música retrata muito da sua cultura na forma de se expressar e na sua relação com seu lugar.

Na página *História do mundo*, Pierry escreve no *blog* o texto: *Toada uma canção de lamento*, que retrata um pouco o significado desse ritmo principalmente na Região Nordeste:

Toada é um tipo de canção predominante no Nordeste, cantada como uma fala rítmica, rimando as falas, usando a língua em uma forma não formal. Porém é nas palavras erradas que facilita a compreensão do povo nordestino, principalmente os mais idosos, pois estes não tiveram a oportunidade de estudar como o povo de hoje em dia. Conhecida também como uma música de improviso, feita na hora e sem perder a rima e falando sobre a realidade. Por ser uma música que canta a realidade

do nordeste, falando principalmente da seca por falta de água que passamos. Mostrando os lamentos e sofrimentos, mostra também os amores não conquistados e as homenagens aos velhos e bons vaqueiros que vivos e mortos, levando a fé em Jesus Cristo e Nossa Senhora como o sustendo para todos os sofrimentos. (PIERRY, 2011).

Zé Marcolino, ao mesmo tempo em que traz as histórias dessa fazenda no passado, ele mostra sua esperança de que reine alegria nesse lugar no presente, ele cita que *teu passado foi brilhante* e ensina muitas lições para as gerações vindouras.

Segundo Dimas Marcolino, essa fazenda Cacimba Nova fica nas divisas do município de Monteiro com o estado de Pernambuco, só não lembra a quem, pertencera, apenas sugere que possa ter sido da família de um irmão de Nilo Feitosa e foram os herdeiros que mandaram fazer essa música.

Não foi possível apurar o tempo do passado da fazenda *Cacimba Nova*. Porém, o mais importante é constatar que em 1964 já estava em decadência, mostrando apenas vestígios de um tempo que Zé Marcolino considerou “heroico”: “casa grande”, “juntas de bois”, “vaqueiros”, “corridas de mourão”, “rebanho”. A figura central do documento musical é a figura do vaqueiro, ele parece ser o centro da fazenda, remontando um imaginário dos tempos coloniais nos quais a figura do vaqueiro era de fundamental importância para a mobilidade da pecuária sertaneja. Na música em análise, é uma fazenda sem senhor, é o espaço do aboio e do comando do vaqueiro. E até a “redenção” do passado da Fazenda Cacimba Nova perpassa pela figura do vaqueiro que, “ao passar em seu terreiro solte um aboio de saudade”, gesto simbólico de um passado que parece não voltar mais.

• Fogo sem fuzil-polquinha (Luiz Gonzaga/José Marcolino-1965)

Eu esse ano
 Vou me embora pro sertão
 Pra dançar pelo São João
 Farriar com mais de mil
 Ver o velhotes
 Atirar de granadeiro
 E a moçada no terreiro
 Tirar fogo sem fuzil

A meninada a brincar de ané
 Pamonha e café sempre na mesa

E as moreninhas
 Prá servir com alegria
 Quando for no outro dia
 Tem buchada com certeza

A canção nos remete ao universo rural. O discurso é a fala do sertanejo se referindo as festas juninas, mostra suas experiências vividas no lugar onde nasceu, citando os valores da região, sua cultura e simbologia. Cita uma das festas mais tradicionais, o São João, a brincadeira do anel e os pratos típicos do lugar, a buchada de bode feito com miúdos, rins, fígado e vísceras do bode lavadas, aferventadas, cortadas, temperadas e cozidas com o próprio estômago do animal e a pamonha feita de milho verde.

Utiliza nessa letra muitas palavras muito usadas na região como: *farriar*, *velhotes*, *terreiro*, *ané*, *buchada*. *Atirar de granadeiro* significa um saldo especializado no lançamento de granadas, e quando cita *fogo sem fuzil* usa uma metáfora fazendo referência às moças que estarão animadas, com “fogo” que não tem fuzil, ou seja, não tem uma arma de fogo.

• **Eu e meu fole (Zé Marcolino-1986)**

A tradição
 Desse meu fole velho
 É conservada na alma do povo
 Batendo junto na nossa raiz
 Para fronteiras de um mundo novo

Eu e meu fole
 Pela vida a fora
 Atravessando duas gerações
 As alegrias que sentimos juntos
 Somos parceiros nas recordações
 Eita fole véio
 Meu presente, meu passado

Carregamos juntos
 Neste teu resfolegado

Este meu fole
 Quer sempre um motivo
 Retrato vivo lá no meu sertão
 Das cavalcadas, das vaquejadas
 Festa de ano, noite de São João
 Das belas coisas dos tempos de hoje
 E de outros dias que bem longe vão

O fole é a vida deste cantador
 E pro lugar que eu vou, meu fole vai
 Esta puxada que eu faço nele
 Vem das pegadas do meu velho pai

Essa letra mostra traços do presente e do passado, o passado seria seu pai que aqui ele mostra que também tocava fole e o presente seria ele tocando esse mesmo fole tempos depois.

Retrata a tradição passada de geração a geração, as recordações que são retratadas por as lembranças do Sertão “*das cavalhadas, das vaquejadas, festa de ano, noite de São João*”. Percebe-se nas estrofes funções emotivas e poéticas.

Segundo Dimas Marcolino, seu pai

(...) era poeta também mais era um poeta que tinha vergonha, e meu avô tocava viola pronto, foi na viola que Zé Marcolino começou né? Tocava viola escondido do pai dele, o pai dele era muito carrasco, ele tocava a viola quando o pai dele ia chegando, ele escondia a viola.

Essa música já é um acerto de contas consigo mesmo, com sua estrada de duas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a música não apresenta o mesmo significado para todos que a escutam. Cada ouvinte usará sua imaginação, seus valores familiares, suas lembranças, crenças e emotividades para dar a ela uma interpretação, um significado. As representações sociais de cada pessoa ao analisar uma música serão compostas por múltiplos significados. Porém, os critérios para análise têm que ser respeitados e trabalhados, estudando o contexto interno e externo da composição.

O Sertão que Zé Marcolino cantou aparece em quase todas suas composições, exaltou de forma simples seu amor por suas origens elevando seu lugar em todo canto que passava, servindo de exemplo para todos nós que fazemos parte desse Sertão e até para aqueles que têm um olhar negativo do nosso lugar.

A união desse grande e saudoso nome Zé Marcolino é uma proposta para se trabalhar junto com o nosso curso de Licenciatura em Educação do Campo, o Sertão (Semiárido), ambos advindos do campo e que são de tamanha riqueza para o mundo.

Com os resultados encontrados acredito que novos trabalhos serão realizados nessa linha de pesquisas e novas representações de Sertão serão trabalhadas, esse Sertão que para Marcolino era a *“cara do povo nordestino”*.

Seguindo de perto a obra de Durval Muniz e o material empírico que foi consultado sobre o poeta Zé Marcolino, observa-se que ele não se encaixa, como Luiz Gonzaga, na representação do Nordeste e Sertão pelo imaginário secular construído pelas elites como a *“região da seca”*. Marcolino não deixou de se referir a alguns momentos difíceis do mundo sertanejo, mas sequer usou o termo *“seca”*. Ele cantou mais o Sertão festivo, farto, harmonioso, divertido. Contudo, canta fazendo referência a *“visão cíclica”* e ao *“tempo da natureza”* do qual no fala Durval Muniz.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2006.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

BATISTA, Luizinho. **Raízes nordestinas**. Sumé, 2006.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 8. ed. – São Paulo, 2003.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BORGES, José Elias. Índios Paraibanos: classificação preliminar. In: MELO, José Octávio de Arruda; RODRIGUES, Gonzaga (Orgs.) **Paraíba: conquista, patrimônio e povo**. 2.ed. João Pessoa: Grafset, 1993.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão**. Rio de Janeiro: Empresa de Obras Científicas e Literárias, 1924.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FERREIRA, Martins. **Como Usar a Música na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FERNANDES, Irene Rodrigues. A economia paraibana na fase de integração produtiva (1970-1990). In: **Atividades produtivas na Paraíba**. João Pessoa: ed. Universitária/UFPB, 1999. p. 61-94.

MARCOLINO, José. **Cantadores, prosas sertanejas e outras conversas**. 1ª ed. Recife: Editora da UFRPE, 1987.

MARTINS, Marcos. História regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo, 2009, p. 135-152.

MEDEIROS, Maria do Céu. **O trabalho na Paraíba: das origens à transição para o trabalho livre**. João pessoa: ed. Universitária/UFPB, 1999.

MELLO, José Octávio A. **História da Paraíba: lutas e resistência**. 10ª edição. João Pessoa: Editora União, 2007.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Um estado para a sociedade civil: temas éticos e políticos da gestão democrática**. São Paulo: Cortez, 2005.

PEREIRA, Ernandes de Queiroz. **A Organização dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do campo: do acampamento ao assentamento: quais os desafios para a Educação popular**. Dissertação (Mestrado em Educação), UFPB, 2007.

PEREIRA, Simone Luci. História e música: algumas considerações. **Cadernos de História**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 9-36 jun. 2000.

RAFAEL, Rita Albino. **Sumé que eu trago na memória**. João Pessoa: Imprima, 2003.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Maria do Socorro. A construção da licenciatura em educação do campo: espaço de dialogo e rupturas na universidade. In: AIRES, José Luciano de Queiroz. **Cultura da mídia, história cultural e educação do campo** [et al.], (orgs). – João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 403-420.

SILVA, Sonielson Juvino. **Dascoisas que precederam...** Histórias da cidade de Sumé-PB. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FONTES:

Site: sala de reboco. **Nasceu em Sumé, na Paraíba, berço da poesia do Pajéu e do Cariri nordestinos**. Disponível em: <<http://www.serratalhada.net/cultura/mostra.asp?noticia=noticia11.asp>>. Acesso: 06 ago. 2013.

LEITE, Gilmar. **Águas do Pajéu**. Disponível em: <<http://aguasdopajeu.blogspot.com.br/2009/10/eu-tive-feliz-oportunidade-de-conviver.html>>. Acesso: 01 ago. 2013.

NETO, Abílio. **Luiz Gonzaga é cem: homenagem ao poeta Zé Marcolino**. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/luiz-gonzaga-e-cemhomenagem-ao-poeta-zemarcolino>>. Acesso: 03 de ago. 2013.

LUNA, Paulo. **Zé Marcolino:** O poeta de Sumé. Disponível em:<<http://www.pauloluna.net/visualizar.php?id=1210769>>. Acesso: 10 ago. 2013.

Itapetim.net. **24 anos sem o poeta Zé Marcolino.** Disponível em:<<http://www.itapetim.net/2011/09/24-anos-sem-o-poeta-ze-marcolino/>>. Acesso: 20 ago. 2013.

Cidade-brasil. Disponível em:<<http://www.cidade-brasil.com.br/foto-sume.html>>. Acesso: 29 ago. 2013.

IBGEcidades@Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=251630>>. Acesso: 04 set. 2013.

RAFAEL, Ademar. **Zé Marcolino. Disponível em:** <<http://www.afogadosdaingazeira.com/paginas/cronicas/ademarRafaelFerreira.html>>. Acesso: 06 set. 2013.

CD – ZÉ - MARCOLINO. Disponível em: <<http://www.forroemvinil.com/cd-ze-marcolinopedra-de-amolar>>. Acesso: 09 set. 2013.

PIERRY, Robson. **Toada uma canção de lamento.** Disponível em: <<http://historia-davida.blogspot.com.br/2011/06/toada-uma-cancao-de-lamento.html>>. Acesso: 10 set. 2013.

A Origem Da Dança Do Xóte **TrabalhosFeitos.com.** Disponível em <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/a-Origem-Da-Dan%C3%A7a-Do-X%C3%B3te/48671.html>>. Acesso: 16 out.2013.

RELATOS ORAIS:

Luiz Batista Filho, entrevista concedida à autora em 24 ago. 2013.

Ana Célia, entrevista concedida à autora em 08 set. 2013.

José Medeiros Batista, entrevista concedida à autora em 10 set. 2013.

Dimas Marcolino Alves, entrevista concedida à autora em 10 set. 2013.

ANEXOS

ANEXO I- HOMENAGEM DO PROFESSOR DANIEL DUARTE AOS 75 ANOS DO
NASCIMENTO DE ZÉ MARCOLINO

MARCOLINADAS¹

Ai Meu Deus quem me dera seguir novamente por aquela *Estrada* que ladeia o *Serrote Agudo* e descamba para os lados da *Cacimba Nova* me levando de volta até Sumé. Por certo ouviria a *Cantiga do Vem Vem*, o aviso do *Pássaro Carão* e os lamentos do *Pássaro Caboré*. Veria ainda as estripulias do *Pássaro Fura Barreira*. E nesta caminhada como *Matuto Aperriado* que sou *Quero(ia) Rever o Nordeste* dos meus *Tempos de Criança*.

Seguiríamos *Eu e Meu Fole*, e como todo *Caboclo Nordestino* eu faria um *Pedido a São João* para que nunca deixasse de existir, por aquela e por outras bandas, um *Salão de Barro Batido*, numa *Sala de Reboco*, numa *Casa de Cantador* onde a *Baiana Cheirosa a Côco* e a *Moreninha da Cintura de Abelha* deixariam com *Ciúmes a Lua* nos requebros da *Dança de Nicodemos* e do *Côco Paraibano*.

Neste forró de *Boca de Caieira* e que *Bota Severina Pra Moer* numa espécie de *Corrupio*, onde existe *Mulher Carente* e *Mulher Esperança*, eu encontraria a minha *Rainha do Moxotó* vinda de lá do *Rio da Barra* ou mesmo *No (do) Piancó*.

A *Minha Crença* é que eu *Cabra Coió*, dançaria a noite toda com esta *Cria do Baião*. E com esta *Doce Criatura* sairia para o terreiro e *Eu e Ela na Fogueira*, espantando um *Amor Ingrato*, e cumprindo talvez uma *Velha Profecia* juraríamos um *Amor Divino* que seria decantado eternamente pelo(s) *Cantador(es) de Viola*.

E no nosso casamento, eu e a minha *Flor do Pajeú*, iríamos para o terreiro da nossa casinha, forrado de *Flor de Camaru* e faríamos um *Forró do Fuzuê*, melhor ainda que o *Forró de Siá Raimunda* nossa vizinha, em *Louvação ao Inverno*. E se algum cabra se engraçasse da minha *Morena Feiticeira*, eu a *Semelhança da Toada de Filismina*, iria logo com a faca para a *Pedra de Amolar* e tirava *Fogo sem Fuzil*. Para esse “infiteto” eu não daria nem tempo dele dizer eu *Quero Chá*, tomaria as devidas providências, pois eu não sou *Santo Fingido*.

E se os *Sinais de Inverno* não viessem, *Eu e o Meu Carão* sairíamos deste *Sertão de Aço* em busca do *Projeto Asa Branca*, pois não agüentariamos ver a *Sabiá na Seca* e os raios do sol queimando e doendo mais do que ferroada de *Maribondo*.

Do meu *Sertão* eu ficaria com uma *Saudade Imprudente*. Porém mesmo *Sertanejo Forçado* a se retirar, eu não teria uma *Solidão de Caboclo*, pois estaria acompanhado da minha *Cabocla Matadeira*. E diante de tudo que passássemos, de bom e de ruim, sempre teríamos nas nossas preces um *Obrigado Meu Deus*, pelo dom da vida e pelo eterno recomeço de todo nordestino.

Villa de São Thomé do Sucurú

28 de Junho de 2005

Daniel Duarte Pereira Sabiá



¹ Homenagem póstuma aos 75 anos de nascimento de Zé Marcolino (28/06/1930 – 28/06/2005). Os termos em itálico são títulos de músicas do poeta.

ANEXO II- MISSA PELOS 5 ANOS DA MORTE DE ZÉ MARCOLINO

MISSA DO POETA ZÉ MARCOLINO

Celebração lembra Zé Marcolino, que morreu há 5 anos

TABIRA — Milhares de pessoas são esperadas nesta cidade, no próximo sábado, para a 5ª Missa do Poeta, em homenagem ao compositor José Marcolino. O evento ocorrerá a partir das 20h, na quadra esportiva. O celebrante é o vigário local, Francisco de Assis Rocha, criador da Missa que tem o objetivo de preservar a memória do artista já falecido.

A inspiração para a Missa do Vaqueiro, em Sertânia, no mês de julho, partiu da morte de Raimundo Jacó. "Aqui, todos sabemos, fomos inspirados no morte do grande poeta José Marcolino. Tanto na Missa do Vaqueiro, como na Missa do Poeta, os objetivos são semelhantes. Em memória do 'vaqueiro' e do 'poeta' falecidos, e em homenagem aos 'vaqueiros' e aos 'poetas' vivos de nossa região", declara padre Assis Rocha.

Lembra que as três primeiras Missas aconteceram em Serra Talhada. Da quarta em diante, o sacerdote diz que gostaria que ficasse realizando-se em Tabira, no Sertão do Pajeú, a 415 quilômetros do Recife, "pois contamos com o apoio da edilidade, do comércio e da comunidade tabirenses, coisa que não acontecia quando o evento se realizava em Serra Talhada; esperava-se tudo, só da Prefeitura", enfatiza Assis Rocha.

Participantes — A 5ª Missa do Poeta será celebrada no quinto ano de falecimento "de nosso poeta maior, Zé Marcolino, mas numa homenagem a todos os grandes poetas vivos da região, que é caracteristicamente, um berço de poetas e repentistas. Nomes famosos, como



Justo de Marcolino será inaugurado pelo padre Assis e muitos artistas

Feitosa e outros, são conhecidos, lembrados, comentados e apontados como grandes cantadores, declamadores e compositores dessa região "pajezeira" e do vizinho Estado da Paraíba. "Dos medallhões, já consagrados pela aceitação popular, aos mais humildes, vivos ou mortos, todos serão homenageados na 5ª Missa do Poeta, que estaremos celebrando no próximo sábado, nesta cidade de Tabi-

Presentes ou ausentes, lembraremos a todos. A Missa do Poeta, insiste o religioso, "será sempre um meio de que disporemos, para imortalizar mais aqueles que dedicaram suas vidas ou ainda continuam a trabalhar, expressando os sentimentos mais íntimos, as inspirações mais nobres, as mensagens mais apaixonantes, que tanto agradam o povo nordestino".

E assegura que Zé Marcolino, principal homenageado na Missa do Poeta, "expressou muito isso. Sua inspiração partia do real, do dia-a-dia, do que o povo vivia, dos animais, da vida do campo, enfim, sua mensagem era realista, de acordo com a situação vivida no momento. Falou de seca, de chuva, de cacimba, de fazendas, de gado, de pássaros, de matuto, de machado, de choupana, de morena, de saudade, de flor, de amor, de estrada, de paixão, de caboclo, enfim, não há um tema nosso, um assunto nordestino, que o nosso 'poeta' não tenha abordado, ou não o tenha transformado em arte, para ser cantado e decantado por todos", justifica padre Assis Rocha.

Para cantar e decantar as belezas que Zé Marcolino escreveu, e outras belezas da Música Popular Brasileira, estarão em Tabira, dia 19 do corrente, sábado, os artistas Ivan Ferraz, Tita Cacheado, Zeto e Bia Marinho, Bira Marcolino, Heleno dos Orl Baixos, Pedro Ribeiro, Eudimar Raposo, Heleno Ramalho, Paulo Matricó, Rui Grudi, Chico Arruda, Lostiba, Val Batista, Manoel Marcolino, Gildo e seu Regional, Tavares da Gaita, Amazan de Campina Grande e Carlinhos do Teclado.

Como se não bastassem tantos artistas, estarão na Missa do Poeta declamadores de poesias, como: Dimas Bibi, Zé de Cazuzu, Dedé Monteiro e Arlindo Pereira e ainda de repentistas famosos, feito: Sebastião Dias, João Paraíba, Diomedes Mariano e Rogério Menezes, que abrilhantarão a noite com

ANEXO III- NOTÍCIAS SOBRE O LANÇAMENTO DO CD PEDRA DE AMOLAR

Extra Jornal

Arte

Caruaru, 26 fevereiro a 12 de mar

Memória

CD traz músicas in

Apesar de morto há quase 17 anos, a obra do compositor paraibano Zé Marcolino, um dos principais parceiros do Rei do Baião, Luís 'Lua' Gonzaga, continua cada vez mais viva na cultura nordestina. Para que a lembrança do consagrado artista não caia no esquecimento, o projeto Memória Musical da Paraíba lançou um CD contendo músicas inéditas do compositor. O álbum musical 'Pedra de amolar' chega às lojas com 15 faixas e uma indicação para o prêmio Tim de Música Brasileira, um dos mais importantes do País, concorrendo na categoria 'Melhor álbum original', que acontece no próximo dia 07 de julho no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Ao todo são 15 faixas nos mais variados estilos como poesia matuta, samba, toadas, chorinho, forró, xote, marcha e baião, traçando um perfil da diversidade musical

do saudoso artista. O álbum musical 'Pedra de Amolar' é uma produção do músico arranjador Jorge Ribbas e da cantora Socorro Lira, ambos paraibanos e admiradores da obra do conterrâneo, que resolveram criar um projeto diferenciado que mostra todo lado artístico do compositor. Vários nomes de destaque da música nordestina e de projeção nacional participaram da gravação do CD, a exemplo do sanfoneiro Dominguinhas, que aparece no baião 'Sertanejo Forçado', e de Santanna, o cantador, que gravou o chorinho 'Obrigado, meu Deus'. O disco inclui ainda participações do Quinteto Violado, Flávio José, Maciel Melo, Gláucio Costa, das cantoras Socorro Lira, Maria da Paz, Irah Caldeira, Marinês e Kátia Virginia, além dos recitadores Miguel Marcondes e Luiz Homero.

O cantor Vital Farias participa na gravação da

música 'Toada da faixa 5 do CD, Fátima Marcolino tora e filha de Zé. "Para mim foi um desafio aceitar o Vital para cantar uma música do meu pai, apesar dos dotes não me considero cantora, mas o resultado é positivo e cheio de revelou a composi

De acordo com Marcolino, a música mais vem chamar a atenção do público com 'Matadeira', uma música que coloca juntos o compositor e o seu filho Marcolino. "Eu não sei bastante ao ouvir Bira Marcolino cantando de nosso pai, as vozes ficaram muito semelhantes neste baião de bom", com Fátima.

No último dia Marcolino recebeu a carta do selo

Reconhecimento

ANEXO IV- A FILHA, FÁTIMA MARCOLINO EM MATERIA JORNALÍSTICA SOBRE SEU PAI

Jornal Extra Arte & Cultura **CADERNÃO** Pág 01

Caruaru, 26 fevereiro a 12 de março de 2005

D traz músicas inéditas de Zé Marcolino

...sar de morto há 7 anos, a obra do autor paraibano Zé Marcolino, um dos principais do Rei do Baião, a Gonzaga, continua mais viva na cultura paraibana. Para que a lembrança do consagrado artista não esquecimento, o Memorial Musical da Paraíba lançou um CD com músicas inéditas do compositor. O álbum 'Pedra de Amolar' com 15 faixas indica para o Tim de Música para, um dos mais importantes do País, concorrendo na categoria 'Melhor Original', que aconteceu no dia 07 de julho no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

... todos são 15 faixas em variados estilos: poesia matuta, samba, chorinho, forró, xote, e baião, traçando uma diversidade musical do saudoso artista. O álbum musical 'Pedra de Amolar' é uma produção do músico arranjador Jorge Ribbas e da cantora Socorro Lira, ambos paraibanos e admiradores da obra do conterrâneo, que resolveram criar um projeto diferenciado que mostra todo lado artístico do compositor. Vários nomes de destaque da música nordestina e de projeção nacional participaram da gravação do CD, a exemplo do sanfoneiro Dominguiños, que aparece no baião 'Sertanejo Forçado', e de Santanna, o cantador, que gravou o chorinho 'Obrigado, meu Deus'. O disco inclui ainda participações do Quinteto Violado, Flávio José, Maciel Melo, Gláucio Costa, das cantoras Socorro Lira, Maria da Paz, Irah Caldeira, Marinês e Kátia Virginia, além dos recitadores Miguel Marcondes e Luiz Homero.

... O cantor Vital Farias participa na gravação da música 'Toada da Felismina', faixa 5 do CD, ao lado de Fátima Marcolino, compositora e filha de Zé Marcolino. "Para mim foi um grande desafio aceitar o convite de Vital para cantarmos juntos uma música do meu pai, pois apesar dos dotes musicais, não me considero uma boa cantora, mas o resultado foi positivo e cheio de emoção", revelou a compositora.

... De acordo com Fátima Marcolino, a canção que mais vem chamando a atenção do público é 'Cabocla Matadeira', uma gravação que coloca juntos o compositor e o seu filho, Bira Marcolino. "Eu me emocionei bastante ao ouvir o mano Bira Marcolino cantando ao lado de nosso pai. As duas vozes ficaram muito semelhantes neste baião arretado de bom", comemorou Fátima.

... No último dia 14 Fátima Marcolino recebeu uma carta do selo paulista Atração, para que o disco seja divulgado em todo o País. "A carta veio até com um contrato para que eu assinasse, mas tenho que analisar com carinho e saber a opinião da família. O que me deixa mais feliz é saber que depois de tanto tempo de sua morte, meu pai ainda é lembrado em todo o País", relatou.

... Descoberto pelo Rei do Baião, Zé Marcolino iniciou sua brilhante carreira de compositor participando do LP 'O Vêio Macho', lançado por Gonzaga em 1962, que incluía seis canções de sua autoria. Zé Marcolino conta com um repertório vasto, reconhecido por grandes mitos da música brasileira. Além de Luiz Gonzaga, suas composições já foram gravadas por nomes como Trio Nordestino, Dominguiños, Fagner, Elba Ramalho, Flávio José, Genival Lacerda, Marinês, entre tantos artistas de destaque. A canção mais tocada do compositor é o xote 'Sala de reboco', gravada em vários estilos musicais, inclusive tocada em Arpa, numa gravação da Alemanha, feita pela cantora Nádia Pessoa.

... Poeta de carteirinha, José Marcolino Alves nasceu no dia 28 de junho de 1930 em Sumé, cidade do interior paraibano. O 'Parabucano', assim como o próprio se auto definia, estava morando há dez anos no município de Serra Talhada, no Sertão do Estado, quando faleceu, aos 57 anos, num acidente automobilístico, ocorrido no dia 20 de setembro de 1987.



Fátima Marcolino: "Meu pai ainda é lembrado em todo o País"

ANEXO V- BUSTO DE ZÉ MARCOLINO FEITO EM TABIRA PE



ANEXO VI- TRIO DE FORRÓ EM SUMÉ COM ZÉ MARCOLINO



ANEXO VII – ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM LUIZ BATISTA FILHO

- 1- Como o senhor conheceu Zé Marcolino e em que época?
- 2- Comente sobre a relação de Zé Marcolino como músico e poeta.
- 3- Fale sobre a vida dele na cidade de Sumé-PB
- 4- Comente sobre o amor que Zé Marcolino tinha pelo sertão nordestino.

ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM ANA CÉLIA

- 1- Comente um pouco sobre o documentário que realizou sobre Zé Marcolino
- 2- Fale sobre essa relação que ele tinha pelo Pernambuco
- 3- Comente sobre o amor que Zé Marcolino tinha pelo sertão nordestino.

ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM JOSÉ MEDEIROS BATISTA

- 1- Fale um pouco como surgiu esse amor de fã por José Marcolino?
- 2- Comente sobre a homenagem que fez a Marcolino utilizando um dos títulos de suas composições para nomear seu grupo de dança
- 3- Comente como era o samba de antigamente que Zé Marcolino cantou em suas músicas

ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM DIMAS MARCOLINO ALVES

- 1- Comente sobre sua infância com José Marcolino

- 2- Fale sobre essas fazendas Cacimba Nova e Serrote Agudo que Marcolino retrata em suas músicas

- 3- Ele se inspirou em algum acontecimento para fazer a composição pássaro carão?

- 4- Comente como era o samba de antigamente que Zé Marcolino cantava em suas composições